novas da galiza

número 178
Maio 2019
3 euros

acontece
Greve no transporte de Sogama 6

a terra treme
Análise sobre os coletes amarelos da França 16

a terra treme
Direitos das pessoas LGBTI no Salvador 18

alejandro rozados

8-11

As novas faces da desinformaçom

Nos últimos anos alastrou o termo 'fake news' para definir as informaçons falsas, sobretodo nas redes sociais. Porém, esse termo já foi utilizado por líderes políticos para desprestigiarem informaçons críticas. Ativistas polos direitos na Internet alertam de que o combate institucional contra as 'fake news' pode ser umha ameaça para a liberdade de expressom.

A TERRA TREME / **12**

A autodeterminaçom do povo catalám perante o Tribunal Supremo

Aproxima-se o final do juízo contra os presos e as presas independentistas catalás que começou em fevereiro. As consequências do julgamento que se está a desenvolver no Tribunal Supremo ainda som imprevisíveis, mas a macro-causa contra o referendo do 1 de outubro já marcou a agenda política e social do Estado espanhol. Com a ajuda de vozes expertas em diversos âmbitos, analisamos as principais chaves da causa em que é julgado o direito de autodeterminaçom exercido polo povo catalám em 2017.

CONSELHO DE REDAÇOM/ Aarón L. Rivas, Alba Moledo, Charo Lopes, Isaac Lourido, Elena Martín Lores, Maria Álvares, Maria Rodinho, Raquel C. Pérez, Xian Naia S., Xoán R. Sampedro.

OPINIOM/ Isaac Lourido
OS PES NA TERRA/ Aarón L. Rivas
O BOM VIVER/ Conselho de Redaçom

CORREÇOM LINGÜÍSTICA/ Xian Naia S., Fernando V. Corredoira, Vichu García Torea, Rosa Casais, André Taboada Casteleiro
MAQUETAÇOM/ Novas da Galiza
COORDENAÇOM DE IMAGEM/ Charo Lopes
ADMINISTRAÇOM/ Miguel Valcarcel

COLABORAM NESTE NÚMERO/ Alejandro Rozados, María Rosendo, Cristina Chacón, Àngel García, Uxía Amigo, Pablo Santiago, Ana Quintiá, Sara Marchena.

FECHO DE EDIÇOM 24/05/2019

EDITA/
Associaçom Cultural Minho Media

SUBSCRIÇONS/
assinantes@novas.gal

Os conteúdos deste jornal som de livre reproduçom, sempre que se citar procedência e se respeitar a opçom normativa

DEPÓSITO LEGAL / C-1250-02

EDITORIAL / A informaçom esfaqueada

rebecca zisser

Os fenómenos de desinformaçom massiva nom som umha novidade. Poderia-se dizer que está presente desde que existem os meios de comunicaçom de massas e que a sua imagem enviesada da realidade, devedora dos poderes económicos e políticos, já estivo a desinformar as sociedades há muitos anos. Assim, quando se fala do risco sobre a emergência das 'fake news' costuma-se ligar a existência destas às novas tecnologias da comunicaçom, que som assinaladas como o meio perfeito para que seres escuros e misteriosos infetem a rede de informaçons interesseiras e falsas. É o discurso próprio da construçom de umha nova 'ameaça para a democracia', um novo 'outro'.

É provável que existam essas pessoas que de lugares remotos estejam a criar notícias falsas para conseguir visitas e maiores ingressos de publicidade, ou influir em determinados processos sociais. Mas reparemos no visível. Algumhas destas caraterísticas poderiam ser aplicadas aos meios de comunicaçom dominantes: a sua necessidade de conseguir publicidade para suster-se, a necessidade de concorrer e dar a última novidade -às vezes mália nom dar tempo a fazer umha verificaçom-, a sua subjetividade ou o seu interesse de criar umha agenda temática influente.

No discurso simplista arredor das 'fake news' libera-se de responsabilidade sobre a desinformaçom à indústria mediática. Essa é umha das suas patas, outra delas seria a tecnofobia ou o assinalamento de internet como um dos principais motivos do espalhamento de notícias falsas. Mas nem toda a desinformaçom está na rede nem a rede é só um serviço de mensagens instantâneas ou de gestom de vínculos pessoais, que é onde se encontra o terreno fértil para o espargimento de desinformaçom e mesmo para a homogeneizaçom das identidades.

A informaçom sempre se encontrou enviesada e esfaqueada polos meios de comunicaçom, o qual nos obrigou a lê-los entre linhas para poder compreender o que de verdade di umha notícia. Haverá que continuar com a crítica, a visom atenta e a construçom de projetos comunicativos, seja qual for o suporte, que combatam as desinformaçons dominantes.

alto falante
altofalante@novas.gal

Aliança de colaboraçom entre Semente e Ikastola Elkartea

A Escola de Ensino Galego Semente e Ikastola Elkartea reconhecemo-nos como movimentos de educaçom popular, de imersom linguística, sem ânimo de lucro, auto-gestionados, laicos, criados por iniciativa popular como alternativa do ensino tradicional e do atual modelo público estatal/administrativisto, que pretendemos conformar junto a outros projetos as bases necessárias para a criaçom dumha escola nacional, nos nossos respetivos povos, e promover o ensino galego e euskaldun para além do âmbito das nossas escolas.

Em tanto associaçons de naçons com língua própria, que desejam contar com um sistema educativo próprio e que desenvolvem a sua atividade num contexto em que o Estado espanhol se reserva por meio da Constituiçom e as Leis orgánicas do âmbito educativo a regulamentaçom dos elementos essenciais que definem um sistema educativo, é vontade de Semente e Ikastola Elkartea estabelecer relaçons e umha aliança de cooperaçom para:

- Desenvolver estratégias comuns para consciencializar a sociedade da necessidade do modelo de imersom linguística para a normalizaçom do uso das nossas línguas.
- Promover, consolidar e reivindicar os projetos educativos populares, autogeridos, sem ânimo de lucro e alternativos ao ensino tradicional.
- Analisar e impulsar a coordenaçom de políticas frente aos projetos legislativos do Estado espanhol que limitam a criaçom dum sistema educativo próprio nas nossas naçons.
- Fomentar a comunicacion, a troca, a solidariedade e o apoio mútuo no desenvolvimento dos nossos projetos educativos.
- Realizar atividades conjuntas de aprendizagem e melhora, mediante a troca, a reflexom e o contraste sobre as nossas experiências pedagógicas.
- O intercâmbio de material educativo.
- Impulsar o mútuo conhecimento a respeito da cada associaçom e da situaçom de cada naçom. (...)

Semente, Ikastola Elkartea
17 de maio de 2019

geoff mcfetridge

Quem vai cuidar de nós agora que nos sabemos vulneráveis?

MARIA ROSENDO

Nos últimos tempos o debate dos cuidados, trazido polos feminismos, passou a de-centrar a agenda de muitos espaços que se pretendem alternativos, de esquerdas e/ou anticapitalistas. No foco já fôrom postos temas como a conciliaçom familiar, o reparto de tarefas, o uso dos espaços e a necessidade de assumirmo-nos vulneráveis e colocar as emoçons no centro. Todas medidas necessárias para adubar o terreno da igualdade mas nom de avondo para a enorme tarefa de colocar as vidas -e nom o capital- no centro.

Ao falarmos de cuidados nom falamos só do direito a ser cuidadas, mas também do direito ao auto-cuidado e do direito a nom cuidar. Partimos da base de que as possibilidades para acadar e fazer uso destes direitos nom som iguais para todas e, portanto, convertem-se em privilégios duns frente à privaçom deles das outras (privaçom que será maior quanto mais baixo seja o tipo de género, procedência, cor da pele ou classe com que cada pessoa seja lida).

Ao falarmos de cuidados nom falamos só do direito a ser cuidadas, mas também do direito ao auto-cuidado e do direito a nom cuidar

As mais das mulheres que conheço –brancas e de classe média– levámos anos a luitar porque estes direitos nos sejam reconhecidos e, sobretudo, por reconhecer-no-los a nós próprias (luita para a qual nós temos mais possibilidades de aceso do que as mulheres racializadas e/ou de classe baixa). Mas o balanço entre estes três direitos é complexo, pois se eu tenho o direito a auto-cuidarme e a nom cuidar, mas a outra tem o direito a ser cuidada: quem cuidará de quem?

Se hoje muitas nos sentimos culpadas cada vez que decidimos nom cuidar é porque sabemos que, ao fazê-lo, periga o direito da outra a ser cuidada. Isto evidencia que umha trama sustentável de cuidados das pessoas em especial estado de vulnerabilidade está ainda por construir. E também que o modelo de família nuclear heteropatriarcal, que se traduz em priorizar relacionamentos de duas a duas, nom avonda para cobrir os cuidados que as vidas precisam para serem dignas.

Se muitas nos sentimos culpadas cada vez que decidimos nom cuidar é porque sabemos que, ao fazê-lo, periga o direito da outra a ser cuidada

Se a pensom de meus pais nom dá para irem a um lar de idosos, ou se a sua vontade é envelhecer na casa, como exercer daquela o meu direito a nom cuidar? Quem vai cuidar das que temos enfermidades crónicas ou degenerativas? As nossas crianças? Quem se nom temos quartos para reproduzir a cadeia global de cuidados, ou se ainda tendo-os, nom queremos reproduzi-la? Quem se nom temos parelha, se vivemos soas, se estamos a milhares de quilómetros da casa cuidando de outras pessoas para sobreviver, quem?

Colocar as vidas no centro passa necessariamente por desmontar um modelo de relacionamento que nunca possibilitará a igualdade porque está sustentado na centralidade do individualismo, do salve-se quem puder, do "eu cuido do que é meu".

O difícil balanço entre o direito a ser cuidadas, o direito ao auto cuidado e o direito a nom cuidar só será possível na construçom de umha comunidade ampla de afetos onde caibamos todas –e nom só as assalariadas, as pensionistas, as brancas, as que som do meu sangue ou aquelas com que tenho um relacionamento afetivo-sexual. Umha comunidade ampla de afetos onde todas as vidas importem por igual.

María Rosendo é ativista feminista.

Caminhos diversos

CRISTINA CHACÓN

Há umhas semanas tivem a oportunidade de ver o documentário *Zauria(k). Loucura, Corpo, Feminismos*, de Maier Irigoien, Isabel Sáez Pérez e Iker Oiz Elgorriaga, que narra as vivências de nove mulheres ligadas à saúde mental direta ou indiretamente. Depois de ver o documentário, sinto que algumha cousa se moveu no meu interior, que me desconcertou, e penso que para melhor. Depois desta sensaçom de desconcerto o que me invade é agradecimento e admiraçom. Tanto por quem se atreveu a expor os seus pensamentos e a sua história de vida como por quem chegou à conclusom de que é importante visibiliza-lo e difundi-lo. Porque é real. Porque acontece. Porque está aí, ainda que nom o queiramos ver.

E depois de todo isto, surgem-me automaticamente, como se de um interruptor se tratasse, dezenas de perguntas. Quem tem a faculdade para definir o que é "o normal" e o que nom o é? Com que critérios? Quem determina o que é um bom estado de "saúde mental"? Com que parâmetros? Porque é utilizada como base a medicalizaçom para a "cura" da pessoa? Porque os tratamentos e os processos de intervençom som, em muitas ocasions, tam violentos e desrespeitosos? E assim estivem durante um longo espaço de tempo até chegar à conclusom de que realmente todo está organizado polo sistema de que as pessoas fazemos parte. Um sistema que invisibiliza todas aquelas que saem fora da norma. Nom se está completamente dentro, mas tampouco se pode sair. Fazes parte das margens.

Um dos coletivos que se vê completamente subvalorizado por parte desta normativa, que além disso é capitalista, heteropatriarcal, neoliberal e colonialista, som as mulheres. Porque somos nós quem assumimos duplas cargas: no público e no privado, porque no-lo impugérom. E ainda por cima, querem-nos caladas, silenciadas, submissas, e se nom o conseguem somos umhas loucas às quais há que encerrar e dar medicaçom. Simplesmente porque nom cumprimos o que se aguarda que sejamos na sociedade. Ou, talvez, por umha cousa muito mais simples: porque estamos fartas de aguentar tanto. De sofrer tanto. Ensinárom-nos que o sofrimento fai parte do amor, mas é mentira. E ensinárom-nos que sofrer é umha cousa má, mas eu penso que isso também é mentira. Como di umha das protagonistas, sofrer é necessário. É um sentimento mais, mas desgraçadamente está patologizado, porque é melhor para o sistema, para que se siga mantendo. Felizmente, existe um movimento que tenta combater todo isto: o feminismo.

O feminismo luita por todas aquelas mulheres que, por quererem realizar um caminho diferente, por pensarem diferente, por sentirem diferente, por terem umhas capacidades diferentes ou um corpo diferente, por se rebelarem contra o que se di que é correto fomos tachadas, insultadas, subvalorizadas e silenciadas durante toda a nossa história. Também na atualidade. Por isso, é importante darmo-nos voz, dar-lhes voz. E este documentário consegue-o.

desirée feldmann

O sistema invisibiliza todas aquelas que saem fora da norma. Nom se está completamente dentro, mas tampouco se pode sair. Fazes parte das margens

Querem-nos caladas, silenciadas, submissas, e se nom o conseguem somos umhas loucas às quais há que encerrar e dar medicaçom

Quem determina o que é um bom estado de "saúde mental"? Com que parâmetros? Porque é utilizada como base a medicalizaçom para a "cura" da pessoa?

Cristina Chacón é jornalista e ativista nos âmbitos do feminismo e da diversidade funcional física.

COMPOSTELA /

Polícia acusa de onze delitos de danos um moço independentista

charo lopes

redaçom
conselho@novas.gal

Dous independentistas fôrom detidos na madrugada do domingo das eleiçons espanholas do mês de abril, acusando um deles de danos contra sucursais bancárias. Segundo o atestado policial a primeira das açons data de 28 de dezembro de 2018, e a partir desse momento um dos ativistas teria sido submetido a vigilância.

Passavam das seis da madrugada do domingo das eleiçons estatais o passado vinte e oito de abril. Um carro da polícia nacional aborda violentamente dous moços na rua do Hórreo. "Tirárom-me ao chao, pisárom-me a cabeça, e nesse momento um dos madeiros sacou um telemóvel, dixo-me "ponte guapo" e começou a tirar-me fotos", relata J.R. Mais tarde, durante o tempo de detençom perguntou várias vezes pola finalidade destas imagens, mas nengum dos agentes respondeu a isto.

"Metérom-nos no carro e um dos polícias dixo que eu vinha de romper o caixeiro da esquina, mas depois confirmamos que esse caixeiro estava intato". Enquanto nos trasladavam o polícia dixo-me: "tu te vas a comer por lo menos cuatro" e dirigindo-se ao meu companheiro: "tu te vas a salvar".

O outro moço foi liberado às cinco ou seis horas, após o seu advogado solicitar o habeas corpus. Finalmente nom há nengumha acusaçom concreta contra ele.

J.R. passou mais de 30 horas nos calabouços: "Nom me deixárom realizar a chamada antes de designar advogado, e pediam-me nome e número de colegiado, cousa que nom sabia de memória, para poder solicitar alguém de confiança, assim que aceitei advogado de oficio".

Após a sua posta em liberdade, passou a ser defendido polo seu advogado de confiança, e enfrenta umha acusaçom que acumula onze delitos de danos, nove caixeiros automáticos e duas montras, umha dum banco e outra dumha clínica dental. Resulta paradoxal a realizaçom de todas estas açons por parte dumha única pessoa, que por outra parte, segundo o relato da polícia, estava baixo vigilância. Polo de agora, o jovem encontra-se bem, e fica todo à espera de data de juízo.

> O sindicato estudantil Erguer e o coletivo Mocidade pola Independência solidarizárom-se com os detidos e o observatório Esculca preocupou-se polas 'sombras' da detençom

O observatório polos direitos e as liberdades, Esculca, denunciou as "sombras" do caso, polos maus tratos recebidos no momento da detençom, comentários burlescos durante a detençom e mesmo a negaçom do almoço na manhá do domingo.

Para além do seguimento reconhecido no próprio informe, o independentista denúncia o aumento da pressom policial após a sua posta em liberdade, com vários carros, "E por agora ainda estou à espera de que me volvam o meu telefone, que continua retido", comenta o moço.

Solidariedade das organizaçons juvenis

O sindicato estudantil Erguer, onde milita J.R, o acusado dos danos, tirou um comunicado a exigir a sua absolviçom, na qual também reclamavam "o fim da repressom espanhola contra o independentismo galego e a posta em liberdade dos presos independentistas galegos". Por outra parte, Mocidade pola Independência, rede de assembleias abertas juvenis, também fijo um pronunciamento público reconhecendo que ambos os detidos fazem parte deste espaço e declarando "é-nos indiferente se som 'inocentes' ou 'culpáveis', se som vítimas dumha nova montagem policial ou verdadeiramente lhe devolvérom aos bancos umha pequena parte da violência que estes exercem todos os dias contra nós, mocidade trabalhadora. Como independentistas, temos o dever de solidarizar-nos com todas as retaliadas no combate por umha Galiza ceive, independentemente dos métodos de luita que empregaram. Assim, nom podemos deixar de lembrar neste comunicado às presas políticas galegas, especialmente aos presos independentistas galegos".

CONFLITO LABORAL /

O transporte de Sogama em greve

CIG

redaçom
conselho@novas.gal

Desde meados de abril, o presidente da Junta da Galiza teria que escuitar os protestos do pessoal de transporte de resíduos por estrada da Sogama onde quiser que for. Os trabalhadores e trabalhadoras de Transportes Pacholo S.L. -subcontrata que empresta o serviço- encontram-se em greve solicitando a readmissom de oito companheiros e denunciando possíveis delitos contra o meio ambiente e a segurança viária.

A Sogama é umha empresa participada num 51% pola administraçom galega e num 49% por Naturgy Renovables S.L.U. -antiga Gas Natural Fenosa- e gere os resíduos de mais de dous milhons de pessoas. À cabeça desta empresa, com tam amplo volume de negócio, estám o seu presidente Javier Domínguez Lino, exconcelheiro do Partido Popular em Poio, e o seu diretor geral Isidro García Téllez, no cargo desde 2012 e procedente do grupo Ence. O conselho de administraçom de Sogama encontra-se equitativamente dividido, cinco membros som designados pola Junta da Galiza e outros cinco pola Naturgy.

Para a gestom dos resíduos da grande maioria das galegas e galegos, a Sogama conta com um total de 37 plantas de transferência distribuídas polo país. Estas som as plantas em que é armazenado o lixo da recolhida urbana e onde se passam a uns coletores de maior capacidade que som deslocados até Cerzeda, bem ao Complexo Medioambiental da Sogama ou bem ao vertedouro da Areosa. Vinte destas plantas som titularidade da Sogama e o resto estám geridas pola Deputaçom de Ourense ou polos concelhos em que se assentam. As vinte plantas propriedade da Sogama estám geridas pola empresa Geseco -do grupo Copasa-, a qual se fazia com este contrato em 2018 com um valor superior aos vinte milhons de euros e que conta com umha duraçom de seis anos. Umha das ofertas apresentadas era a da até entom concessionária Perfís 2000, quem se apresentava em UTE com Transportes Pacholo SL, mas que foi rechaçada por ser considerada anormal ou desproporcionada.

> O corpo denuncia que a construtora Copasa, contrata do transporte de Sogama, pretende precarizar o serviço

O grupo Copasa, também presente na UTE, conseguiu a contrataçom do transporte das plantas de transferência até Cerzeda. Esta apresentou-se junto com Renfe Mercancias e Logirail -a fornecedora de logística em terra de Renfe Mercancías- a este contrato, cuja adjudicaçom superou os 130 milhons de euros e tem umha duraçom de 10 anos e meio.

A Copasa, pois, é umha empresa construtora que se tem visto vinculada ao financiamento irregular do PP. O ex-tesoureiro Luís Bárcenas tem assinalado o seu presidente, José Luís Suárez Gutiérrez, como um dos empresários que realizavam doaçons ao PP. Ademais, entre outras muitas obras, tem sido contratada junto com outras empresas para a construçom de edifícios da Cidade da Cultura que nom seriam rematados.

Conflito no transporte

No passado mês de abril saltava o conflito com a greve nos transportes de resíduos por estrada das plantas de transferência até Cerzeda. Manuel Regueiro, pertencente à CIG e presidente do comité de empresa de Transportes Pacholo S.L., explica ao Novas da Galiza qual é o contexto do conflito: "Nós vimos da contrata anterior do transporte de Sogama e que rematou no ano 2016. Nesse ano colhe a contrata Copasa e vém com a ideia clara de precarizar totalmente os postos de trabalho. Entom, a Copasa subcontratou o serviço a umha pequena empresa do Carvalhinho, de uns cinco trabalhadores, que estava em concordata". Essa empresa é Transportes Pacholo S.L., a qual um mês antes de colher a subcontrata publicava um convénio próprio.

Após mobilizar-se, a equipa da anterior empresa consegue o direito a subrogaçom e passam a trabalhar para Transportes Pacholo mantendo as suas condiçons. Porém, haverá umha dualidade no grupo de trabalho, pois as novas contrataçons que se realizam contam com umhas condiçons laborais piores. Regueiro expóm que estes trabalhadores começam a solicitar umha suba de uns 100 euros ao mês, mas acha que o conflito estoura "quando os trabalhadores começamos a negar-nos a fazer certas práticas que vinham de bastante tempo atrás e que a nova subcontrata incrementou". A resposta da empresa foi o despedimento de oito trabalhadores. "O que Copasa quer é retirar o trabalho a Transportes Pacholo e dar-lho a outras subcontratas com umhas condiçons totalmente precarizadas e que nom respeitam normas de segurança viária nem laboral", expom Regueiro. Assim, este sindicalista denuncia que já há empresas novas a realizar o transporte em camions e que, ademais, os serviços mínimos impostos pola Junta impede-lhes fazer efetiva a greve que mantenhem convocada desde o 15 de abril.

CIG

> Ademais das mobilizaçons, estám-se a denunciar práticas fraudulentas habituais no serviço, como o verquido de lixiviados, a sobrecarga dos coletores, a falta de medidas de segurança viária ou o incremento do peso dos coletores com água

Delitos ambientais

A mobilizaçom dos trabalhadores e trabalhadoras do transporte por estrada dos coletores da Sogama está também a deixar ver umha série de práticas irregulares que som habituais neste serviço. Nas suas redes sociais publicam, ademais das imagens das suas mobilizaçons, vídeos em que se mostram coletores da Sogama em mal estado, derramando lixiviados que podem chegar a regatos adjacentes às plantas. Regueiro também denuncia que a Copasa nom está a realizar um mantimento das plantas de transferência, "há balsas de recolhida de lixiviado, onde se pousam os coletores carregados para recolher possíveis fugas, que estám desfeitas".

Denunciam também a sobrecarga à que sometem os coletores, os quais tenhem umha capacidade para 20 toneladas. Segundo indica Regueiro, o conjunto do camiom e da carga nom deve superar as 40 toneladas. Porém, em ocasions supera-o e as pessoas transportadoras só o sabem umha vez chegam a Cerzeda, quando o camiom passa pola báscula. "Às vezes levas 24 toneladas ou 27... afinal é cousa de dinheiro, porque se acrescentas num 20% a carga e cada cinco viagens poupa-se umha", expom.

Assim, reivindicam conhecer o peso do coletor umha vez carregam na planta de transferência correspondente. Também por umha questom de segurança viária, pois segundo varia o peso do veículo variam também as distância de frenado e a inércia. E este trabalho nom está isento da tragédia: em maio de 2017 um condutor da transporte da Sogama morria ao cair o seu camiom com o coletor cheio polo viaduto do rio Soldom, no concelho de Quiroga.

Outra prática irregular que estám a denunciar é que nas plantas de transferência soma-se-lhe água ao lixo para incrementar o peso dos coletores, o que consideram umha estafa para os concelhos que pagam por tonelada os serviços da Sogama.

Com todo o material recolhido, a seçom sindical da CIG em Transportes Pacholo está a reunir-se com diversos grupos políticos e mobilizando-se constantemente. Para eles nom se trata apenas de umha questom laboral mas de defender também um serviço como o da gestom do lixo. Em abril solicitárom umha reuniom com o presidente da Sogama, mas ainda nom recebêrom resposta. "Nom deve de ter interesse porque se cumpram as condiçons da contrataçom do serviço ou se respeitem os direitos das pessoas trabalhadoras", reflete Regueiro.

no foco

MEIOS DE COMUNICAÇOM / ARREDOR DAS 'FAKE NEWS'

huíolla ribeiro

As novas faces da desinformaçom

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

Durante a campanha eleitoral estadounidense de 2016 que deu a vitória a Donald Trump alastrou o termo 'fake news'. Desde entom, esse termo serve para definir as informaçons falsas que se encontram sobretodo nas redes sociais, mas também foi usado por líderes políticos para desprestigiarem informaçons críticas com os seus posicionamentos ou açons. Assim, foi utilizado polo próprio Trump, polo presidente do Brasil Jair Bolsonaro, ou mesmo por políticos espanhóis como Pablo Casado ou Borrell. Afirma-se que as 'fake news' som umha ameaça para as democracias, mas ativistas dos direitos na Internet alertam de que o combate contra as 'fake news' também pode ser umha ameaça para a liberdade de expressom.

No passado mês de março o coletivo Xnet, que reúne ativistas em defesa dos direitos digitais, apresentava o relatório *#FakeYou*, a analisar o atual fenómeno das conhecidas como 'fake news' no ambiente digital. Nesse relatório, desmarcam-se dalguns lugares-comuns arredor deste problema e apontam que a desinformaçom existe desde sempre e que som necessárias políticas diferentes para abordar a situaçom presente.

Se consideramos as 'fake news' como umha informaçom falsa difundida –especialmente polas redes sociais– com umha intencionalidade concreta, estaríamos apenas diante de umha das arestas dos fenómenos desinformativos. Para o Xnet, a desinformaçom abrange igualmente as informaçons inexatas ou enganosas, mesmo se desprovidas de intencionalidade concreta. Desta forma, coloca-se o risco da desinformaçom nom na sua intencionalidade mas na sua capacidade para produzir danos significativos na populaçom. "[Estes danos] produzem-se quando os grandes monopólios informativos, políticos e económicos investem recursos na criaçom e viralizaçom da desinformaçom, tanto *offline* como *online*", salientam no relatório. Quer dizer, nem toda a desinformaçom som as 'fake news' nem a desinformaçom é um problema novo,

MEIOS DE COMUNICAÇOM / ARREDOR DAS 'FAKE NEWS'

As novas plataformas virtuais favorecem a difusom de informaçons nom verificadas, que podem passar a fazer parte da agenda informativa dos meios de comunicaçom

mas estrutural e que é agravado pola falta de credibilidade e as más práticas dos meios convencionais, altamente dependentes do número de visitas e da publicidade.

Notícias falsas e imprensa

A desinformaçom e as notícias falsas nom som cousas do século XXI. No livro *Fake News: la verdad de las noticias falsas*, o jornalista Marc Amorós lembra um evento histórico: o estourido do coiraçado *Maine* que em 1898 deu lugar à intervençom estadounidense em Cuba e as histórias sobre o conflito na ilha no *New York Journal* de William Randolph Hearst. Tal era o poder da desinformaçom e das notícias falsas nos conflitos.

O investigador da USC, Ángel Vizoso, refere nalguns dos seus trabalhos que as notícias falsas e a desinformaçom nom som próprios apenas dos períodos bélicos, mas da comunicaçom humana em geral e anteriores à invençom do prelo. "Porém, o desenvolvimento das novas tecnologias concedeu umha importância maior à distribuiçom deste tipo de conteúdos que perseguem a confusom da cidadania", expom no artigo *Habilidades tecnológicas en el perfil del fact-checker* acrescentando que "as novas plataformas virtuais favorecem a difusom de boatos e informaçons nom verificadas, muitas das quais acabam por passar a fazer parte da agenda informativa dos meios de comunicaçom no quadro da pugna polas audiências".

Vizoso refere ao *Novas da Galiza* algumhas das suas impressons acerca da desinformaçom no panorama mediático galego. "Julgo que mais do que notícias falsas elaboradas de forma intencionada, o que de facto circulam som muitos conteúdos baseados no *clickbait*", um novo anglicismo que vem a designar a prática de realizar manchetes sensacionais para atrair visitas à página e melhorar rendimentos publicitários. "Este *clickbait* levado ao extremo num contexto de luita polas visitas da web pode acabar por se tornar umha sorte de desinformaçom, pois o corpo das notícias nom oferece à audiência aquilo que lhe era prometido nuns títulos previstos para funcionar como reclamo nas redes sociais ou noutras plataformas em linha", acrescenta este investigador.

Além do mais, a própria forma de funcionamento dos meios apresenta vulnerabilidades em face à desinformaçom. "Os jornalistas enfrentam-se à necessidade de publicar conteúdos de forma constante. Todo isto, acrescido ao desempenho doutras tarefas, leva a que por vezes a verificaçom dos conteúdos nom poda ser tam aprofundada como seria aconselhável. Esta circunstância pode ser aproveitada por organizaçons ou particulares que desejem introduzir no circuito informativo conteúdos falsos ou duvidosos", afirma Vizoso, quem reivindica que "o trabalho dos jornalistas é de suma importância, desde que seja garantida umha série de condiçons que ajudem a dotar da veracidade necessária os conteúdos publicados".

Nem toda a desinformaçom som as 'fake news' nem é um problema novo, mas estrutural

"Os jornais galegos, como os de qualquer outro contexto mediático som suscetíveis de serem transmissores de informaçons falsas"

As redes sociais trazem a possibilidade de segmentar a publicidade e a propaganda até níveis insuspeitados graças à análise de dados das usuárias

Voltando ao contexto galego, este investigador considera que "os jornais galegos, como os de qualquer outro contexto mediático som suscetíveis de serem transmissores de informaçons falsas. O contexto atual em que a velocidade na produçom de informaçons e a sua difusom através de redes sociais favorece enormemente que se espalhe a desinformaçom".

Polarizaçom

"A experiência dos últimos anos demonstra que contextos de instabilidade política e social som propícios à difusom de informaçons falsas", reflete Vizoso, quem a partir das recentes experiências nas eleiçons norte-americanas e no referendo do Brexit conclui que "os promotores de 'fake news' utilizam a polarizaçom e o desconcerto para introduzir as suas mensagens".

Essas experiências recentes poderiam levar a umha conclusom demasiado simples: as 'fake news' som cousa da extrema-direita. Mas a realidade é mais complexa. Miguel Garcia, consultor em privacidade de dados,

MEIOS DE COMUNICAÇOM / ARREDOR DAS 'FAKE NEWS'

sarah wasko

refere que se há umha novidade que trazem as redes sociais "é a possibilidade de segmentar a publicidade e a propaganda até níveis insuspeitados com base na análise dos desejos e gostos da populaçom. Isto, aliado ao próprio formato das redes sociais, que é efetista, breve e sensacionalista, abre a porta a posiçons políticas mui emocionais e fecha-a ao debate político contrastado e sossegado". E aqui é onde a extrema-direita sabe tirar proveito.

Arredor deste tema, umha ativista da Xnet diz que "a direita está a colher vantagem neste tipo de propaganda, e acho que é polo momento histórico que estamos a viver –a vitória de Trump, o Brexit ou a extrema-direita húngara– que existe essa impressom de que a desinformaçom vem pola direita". Porém, no seu relatório *#FakeYou*, Xnet considera a desinformaçom como umha indústria, em que existem produtores de desinformaçom –tais como governos, corporaçons, organizaçons políticas– a distribuírem os seus produtos através de plataformas em linha que vendem publicidade –como no caso das redes sociais hegemónicas– ou até contratando empresas de comunicaçom política –que empregariam algoritmos ou *bots*.

> "É polo momento histórico que estamos a viver –a vitória de Trump, o Brexit ou a ultra-direita húngara– que pode existir essa impressom de que a desinformaçom vem pola direita"

Tecnofobia?

As ativistas da Xnet olham com desconfiança para os discursos que definem como tecnófobos e que querem que o problema da desinformaçom apenas se relacione com a Internet. "Este é o discurso que querem propagar os grandes meios de comunicaçom: 'continuem a ver a televisom e todo correrá bem', 'nom te podes fiar da Internet, há que ler os jornais de toda a vida'", analisa umha das suas ativistas numha conversa com o *Novas da Galiza*. "Vemos perigoso que certa esquerda esteja a reproduzir semelhante discurso"; acrescenta, "o discurso tecnófobo é a favor do poder. Às vezes, fala-se da Internet como se só fosse Google ou Facebook".

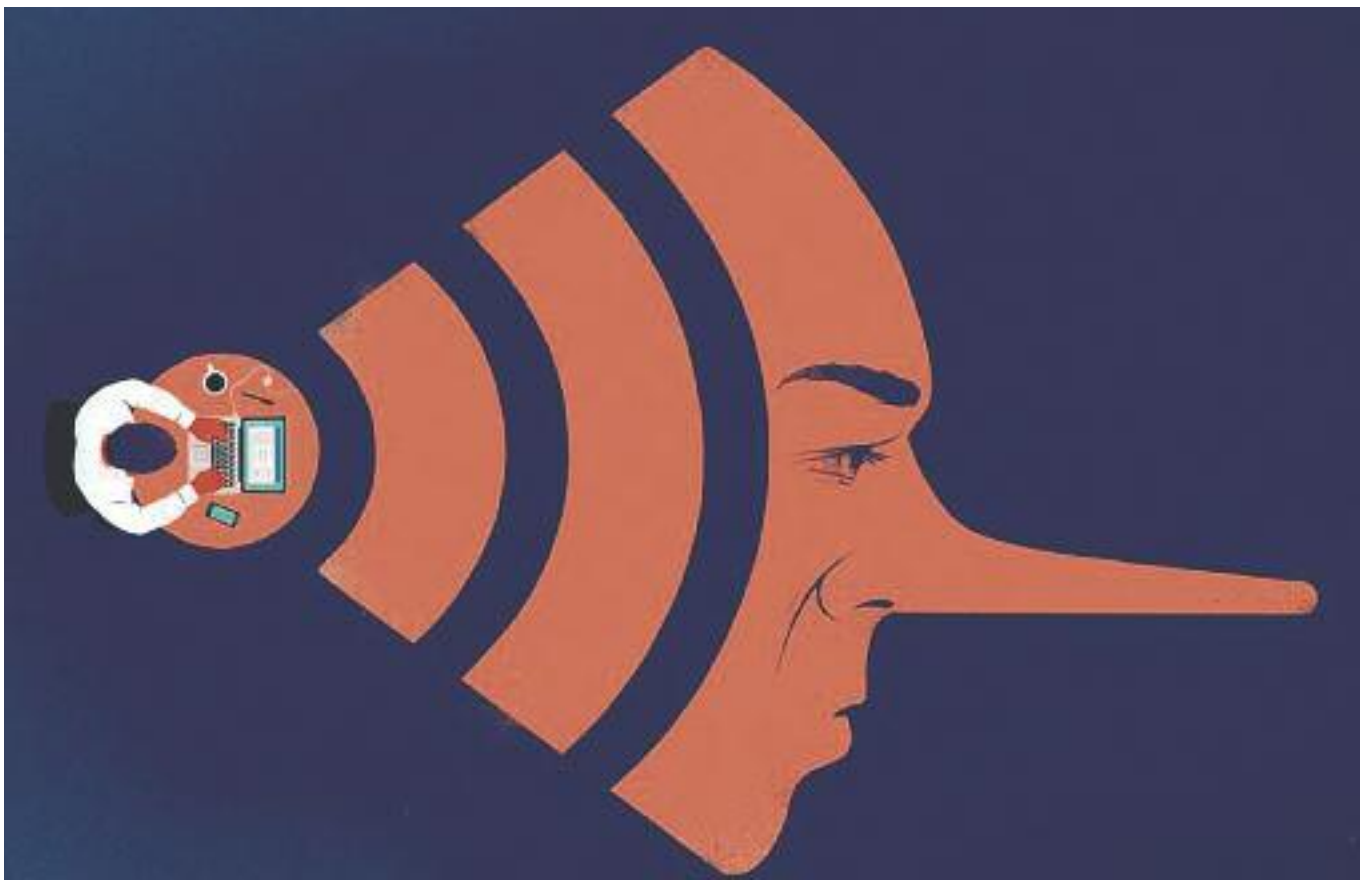
Para a Xnet, quando mais abertos e participativos forem os espaços mais difícil será que a desinformaçom se viralize. "Quanto mais cidadá é a ágora na Internet menos problemas de 'fake news' há, e quanto mais seja um 'jardim murado' –pola expressom anglo-saxónica 'walled garden' empregada

sa ca un tos
cooperativa gráfica
imagem corporativa
design web e editorial
impressom de livros e revistas
grande e pequeno formato
www.sacauntos.com

MEIOS DE COMUNICAÇOM / ARREDOR DAS 'FAKE NEWS'

para definir as redes sociais que através de algoritmos só oferecem à pessoa usuária conteúdos que procuram a sua satisfaçom– mais problemas haverá. Por isso na WhatsApp há um problema grave, onde estám a desativar-se notícias falsas umha e outra vez".

No seu relatório é citado o experimento de umha ONG alemá consistente em difundir notícias falsas através de seguidores do Twitter. Tirárom-se duas conclusons: que as notícias falsas som como os 'memes', bloquear a fonte nom evita a sua propagaçom, e que circulam por umha bolha de utentes fortemente ligados enquanto o desmentido da notícia falsa circula por grupos de pessoas mais diversos.



sébastien thibault

Legislaçom europeia

A ativista da Xnet que falou com o *Novas da Galiza* definiu as 'fake news' como "o segundo risco para a liberdade de expressom, depois do combate às próprias 'fake news'". Este é um dos perigos para que alertam no seu relatório, pois olham com desconfiança a vaga reguladora sobre a Internet que está a gerar-se na Europa.

A Uniom Europeia, após os resultados do Brexit, começou a elaborar umha série de matérias face às eleiçons europeias deste mês. O inquérito Eurobarómetro, publicado em março de 2018, acerca da perceçom das 'fake news' e a desinformaçom indicava que 83% das pessoas inquiridas consideravam, em maior ou menor medida, que as notícias falsas constituíam um problema para a democracia em geral. Após esses dados, um grupo de especialistas da Comissom Europeia tornará público um relatório, promove-se um Código de Boas Práticas, assim como um plano de açom contra a desinformaçom. No entanto, a Xnet receia que umha das medidas centrais nas iniciativas europeias seja que a resposta às informaçons falsas esteja encabeçada polas plataformas digitais, que estabelecêrom os seus critérios para decidir quando se exclui umha publicaçom. Também percebem um "esforço considerável por salvar os meios de comunicaçom e colocá-los ao mesmo nível que as pessoas comuns no referido ao uso da liberdade de expressom", pois o controlo sobre as informaçons falsas se centraria na distribuiçom *online*. Estas medidas, aliadas às diretivas sobre os direitos de autor, estám a promover modificaçons, que coletivos como Xnet vem como um ataque à liberdade de expressom na Internet.

Lembram ainda as declaraçons que, em fevereiro passado, numhas jornadas intituladas 'Desinformaçom e eleiçons europeias' que tivérom lugar em Barcelona, fazia Ramón Luis Valcárcel, vice-presidente do Parlamento Europeu, responsável da política de informaçom, além de ex-presidente da Comunidade Autónoma de Múrcia e eurodeputado do PP. "Frente ao novíssimo perigo da desinformaçom e as 'fake news', a soluçom é regular a liberdade de expressom; naturalmente, numa base consensual, *faltaría más*".

Assim, a Xnet considera-se na esteira da 'Declaraçom conjunta sobre liberdade de expressom e notícias falsas, desinformaçom e propaganda' publicada em março de 2017 em Viena. Esta declaraçom foi assinada, entre outras pessoas, polo relator para a liberdade de expressom da Comissom Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) e o relator da ONU para liberdade de opiniom e expressom. "É preocupante que os governos utilizem o fenómeno das chamadas notícias falsas ou 'fake news' como umha desculpa para censurarem a imprensa independente e suprimirem o disenso". Estas som palavras do advogado Edison Lanza, o relator especial para a liberdade de expressom da CIDH.

> O Euro-barómetro de março de 2018 indicava que 83% das pessoas inquiridas consideravam que as notícias falsas constituíam um problema para a democracia

> Ramón Luis Valcárcel, vice-presidente do Parlamento Europeu, ex-presidente da Comunidade Autónoma de Múrcia e eurodeputado do PP tem apontado a necessidade de regular a liberdade de expressom

Neste sentido, as ideias que a Xnet propom para combater a desinformaçom passam pola verificaçom obrigatória das informaçons que provenham de um 'informador influente' –figura com que definem qualquer pessoa física ou jurídica cuja capacidade de difusom seja considerável–, a transparência na propriedade dos meios de comunicaçom social –umha ideia que se encontra também entre as iniciativas das instituiçons europeias, como ainda a necessidade de umha maior alfabetizaçom digital da populaçom–, transparência também dos algoritmos que empreguem as plataformas digitais ou umha declaraçom detalhada dos gastos em comunicaçom dos partidos políticos.

O futuro da Internet encontrar-se, portanto, numa encruzilhada, com umha forte presença de plataformas digitais que conseguírom situar-se como intermediárias nas relaçons sociais das pessoas e para as quais os dados das suas utilizadoras som poder e negócio.

VOZES ARREDOR DO 'PROCÉS' /

Autodeterminaçom a juízo

maria álvares rei
x. sampedro

O passado 12 de fevereiro, o Tribunal Supremo convertia-se no foco mediático da imprensa estatal e estrangeira. Começava a primeira sessom do conhecido como 'juízo ao Procés'. Dezoito ex-altos cargos do governo catalám e os líderes das organizaçons político-culturais mais importantes dos Países Cataláns sentam no banco dos réus para responder polos delitos de rebeliom, sediçom ou malversaçom. As petiçons da fiscalia chegam a 25 anos de cadeia no caso de Oriol Junqueras (vicepresidente da Generalitat) e 17 anos para a maioria dos consellers e para os Jordis (Sànchez e Cuixart, presidentes da Assembleia Nacional Catalá e da Òmnium Cultural).

Grande parte da sociedade civil também se sente julgada por participar no referendum do 1 do Outubro de 2017, considerado polas mais diversas vozes o maior ato de desobediência civil na Europa das últimas décadas. Vilas e cidades de todo o país som os cenários para a mobilizaçom, com laços amarelos e pancartas nos prédios públicos, e concentraçons semanais em solidariedade com as presas políticas.

Na encenaçom do juízo influem diversos elementos mas o central é a contraposiçom de duas leituras jurídicas: desobediência civil frente rebeliom e sediçom; e a derivada construçom dum relato, o da 'violência', orquestrado polos poderes fáticos do estado espanhol. As testemunhas das acusaçons repetírom dia trás dia um roteiro desenhado para dar consistência às acusaçons contra as presas políticas: "miradas de ódio", "vivemos um inferno"... fôrom mantras recitados polas forças policiais para acreditar a violência que teriam vivido no 1-O.

Um roteiro pré-fixado que é questionado por testemunhos e provas na sala de vistas, mas também respostado desde diversos frentes e em distintos espaços pola sociedade catalá. Recolhemos aqui umha série de vozes arredor dessas respostas ao juízo e ao relato construído polo aparato judicial para alimentar a maquinária mediática espanhola.

benet salellas, advogado de Jordi Cuixart

"O 'Jo Acuso' visa fazer emerger o carater político do juízo, que existe porque na Catalunha se exerceu o direito de autodeterminaçom"

A estratégia que formulades baseia-se em virar a acusaçom do estado e situar este como o acusado. Em definitivo: plantar cara ao poder estabelecido. Perante um Estado como o espanhol, umha defesa política pode beneficiar os presos?

A estratégia do *'Jo Acuso'* visa fazer emerger o caráter político do juízo. Este existe porque na Catalunha, no outono de 2017, exerceu-se o direito de autodeterminaçom, e temos que tentar que isso seja um dos eixos do juízo. Para parar este exercício democrático o Estado aplicou umha sorte de estado de exceçom mais ou menos encoberto registando diários, fechando webs, detendo cargos eleitos, aplicando violência indiscriminada à populaçom que exerce o direito de manifestaçom pacificamente... Queremos explicar isso todo, para pôr no centro a realidade do estado que temos diante e, portanto, a operaçom de estado que se construiu em forma de juízo. Esta estratégia procura a conscientizaçom de sectores democráticos amplos, cataláns e do resto do estado, que tenhem que ser quem empurre contra este regime que constrói a justiça como ferramenta de ataque em vez de afrontar democraticamente as demandas da cidadania, como neste caso o exercício do direito de autodeterminaçom ou do direito de protesta.

A atitude garantista do juiz Marchena nos primeiros dias mudou de maneira notável. Isto fai pressagiar umha sentença desfavorável?

Marchena é ciente de que o julgamento é visto por muita gente aqui e fora, e por isso tenta ter umhas formas impecáveis. Ora bem, também é ciente de que tem que construir um muro de contençom para evitar que as defesas utilizem o julgamento em termos políticos. Evita a utilizaçom das imagens durante os interrogatórios, porque som mui claras e evidentes e desmontam todo o relato construído sobre umha violência da cidadania e do movimento independentista, que é totalmente inexistente. O Tribunal nom quere atender à realidade, quere que a sentença sirva para justificar a atuaçom dos poderes do Estado em relaçom à questom catalá. De feito, nom podemos deixar de lado que um Estado de Direito se carateriza nom só pola separaçom formal dos poderes, mas por umha açom de contrapesos entre eles, conjuntamente com a sociedade civil. Aqui todos os poderes do estado (Tribunal Constitucional, governo espanhol, câmaras parlamentares com o 155, a justiça...) actuárom ao uníssono, e a sentença deste procedimento tem de ser a chave de abóbada que confirme o descabeçamento institucional do independentismo.

VOZES ARREDOR DO 'PROCÉS' /

robert sabata, presidente de Advogados/as Europeus/as Democratas e membro de International Trial Watch

"Marchena nom pode permitir-se passar à história como quem deixou livres os que tentaram romper Espanha"

àngel garcía

Os observadores internacionais relatam várias irregularidades. Quais som as mais graves?

A mais evidente é que som presos políticos, cumprem todos os requisitos para sê-lo por definiçom, e nom estám a ser tratados como tal. Aos observadores internacionais o que mais lhes custa entender é a composiçom da sala e a desapariçom dum juiz predeterminado por lei, é dizer, é o próprio Tribunal Supremo quem o decide, o que impede impugnar a sua competência. Isto lembra-lhes muito a processos na Turquia.

Também estám mui surpreendidos pola falta de incomunicaçom das testemunhas: umhas escuitam o que dim as outras e repetem tal qual como um mantra, e assim fundamentam a 'sediçom'. E é escandaloso que Marchena nom permita mostrar os vídeos quando declaram as testemunhas. É umha prova de descargo, mui importante para valorar a credibilidade desses testemunhos repetitivos de 'barricadas de pessoas', 'muros humanos'... O tribunal nom quer que se vejam imagens; nom se pode permitir esta chuva de imagens da violência policial a dar a volta ao mundo mais umha vez, por isso mudam as regras do jogo.

Resulta crível esse relato da 'sediçom' no 1-O?

Os observadores olham com preocupaçom para esse relato que se está a construir sobre violência, mui inconsistente. Um observador da Palestina ficou abalado quando um polícia chamou de violência terem-lhe lançado um iogurte.

Também há um feito mui importante que se está passar por alto na construçom do relato, que é o papel da polícia no 1 de Outubro. A polícia deve-se à salvaguarda das liberdades de manifestaçom e expressom. Estes direitos som primordiais no Direito, e impedi-los é um feito delituoso. É dizer: o direito penal pom por diante um direito fundamental como é a liberdade de reuniom e expressom, diante da "subversom da ordem pública".

E tem-lhes chamado a atençom o trato de Marchena aos advogados da defensa, cortando as perguntas no momento em que se fam...

Qual é o perfil de Marchena dentro do mundo judicial?

Toda a cúpula judicial espanhola está muito vinculada com a corruçom política, é tremendamente clientelista e ocupam-na famílias com muito poder com um peso importante dentro do Estado. E Marchena é um juiz mui conservador e reacionário. Nom se pode permitir passar à história como o juiz que nom encadeou os que tentaram quebrar a unidade de Espanha, e tem esta pressom.

Que percurso podem ter os relatórios realizados por observadores internacionais?

Este é o gram problema. Umha vez saia a sentença nom há possibilidade de recorrê-la. No Tribunal Supremo nom há direito a recurso ordinário, polo que nom há nengum tribunal por cima dele para fiscalizar no Estado. Isto também choca muito ás observadoras. Acabará em Estrasburgo, mas vai demorar muito em chegar lá. Na prática, o único que podem fazer som relatórios e denúncias na imprensa.

A nível estritamente jurídico quais som as anomalias mais graves deste juízo?

Estamos perante um contexto de excecionalidade jurídica. Temos um tribunal especial, pois o Supremo tem-se autoatribuído a competência para o caso; delitos especiais -pois a rebeliom, delito com que o franquismo executou milhares após a guerra civil, é utilizado por vez primeira contra civis depois de 1978-; e uns feitos objeto de acusaçom de natureza estritamente política (aprovaçom de leis, manifestaçons, tuítes, discursos, manifestaçons pacíficas). O contexto de garantias jurídicas fica num canto e o tribunal escorrega para estruturas do denominado 'direito penal do inimigo' ou do que hoje também se di *lawfare*. Trata-se de guerra jurídica e direito de guerra em que fai falta abater a qualquer preço os adversários políticos do poder estabelecido, procurando mecanismos de neutralizaçom e inocuizaçom como longas penas de prisom e inabilitaçom política, no sítio de realizar um verdadeiro julgamento em termos de responsabilidade jurídica como faria falta esperar num procedimento penal.

Como passam os presos os dias de juízo?

Erguem-se às 6h e voltam ao centro penitenciário depois da hora de jantar e isso supom um investimento físico mui importante. Agora bem, em tanto que presos políticos, o tribunal nom os trata nem como presos ordinários nem como os presos da Audiência Nacional. Nom venhem algemados, aguardam numha sala todos juntos com acesso aos advogados, e portanto no tribunal tenhem certa margem para a açom política, bem mais do que na prisom. Isto, por palavras de Cuixart, já é umha vitória parcial: a pressom cidadá e política obrigou a tratá-los todo o bem que permite a situaçom de privaçom de liberdade.

A presença de imprensa internacional e observadores, preocupa ou incomoda o Tribunal?

Muito. Os elementos internacionais incomodam o tribunal. Há umha sorte de patriotismo jurídico, no geral, e neste caso em concreto polas decisons dos tribunais belga e alemám encarregados das extradiçons dos exilados. Para nós é umha nova confirmaçom do caráter político e antidemocrático do julgamento. Se os mesmos feitos som um dos delitos mais graves num país e nom som infraçom no país do lado, demonstra-se que a perseguiçom no mínimo é desproporcionada. Em relaçom à observaçom internacional, a sociedade civil organizou-se na International Trial Watch, umha iniciativa muito inovadora e interessante.

a terra treme

VOZES ARREDOR DO 'PROCÉS' /

jenn díaz, deputada no parlamento catalám pola Esquerra Republicana de Catalunya (ERC)

"Sem negociaçom, diálogo e respeito nom vamos sair adiante nós, mas o projeto da Espanha tampouco"

Como enfrentades em Esquerra este juízo?

Temos de afrontar o juízo como umha oportunidade; nom como Esquerra, como movimento. Em todo momento soubemos que a prisom das nossas companheiras e companheiros tem que ser-nos útil. Nom como moeda de troco, mas sim entendendo que a prisom tem sido motor de cámbio. Seja para internacionalizar o caso catalám, ou para tirar a máscara democrática dum estado demo-fóbico. As mudanças sociais nunca som indoloras, e o juízo é um preço que estám a pagar os nossos companheiros por um objetivo coletivo. Até aqui, a parte política. Emocionalmente é duro, porque é injusto que o preço tenham de o pagar só eles e elas. E a prisom preventiva e a indefensom jurídica gera-nos muita impotência.

Ser parlamentária de ERC hoje tem um risco. A repressom tem gerado medo dentro do partido?

É evidente que a repressom, no século XXI, num estado pretensamente democrático, com umha UE passiva, gera instabilidade. De primeiras porque, como dizia a ex-vice-presidenta espanhola, o que figérom foi descabeçar o movimento independentista. Mas, aos poucos, os partidos, os espaços, as lideranças vam-se refazendo. Em qualquer caso, ter medo, nom é vergonha nengumha. É humano, e dedicar-nos à política nunca devera desumanizar-nos. Ter medo, mostrá-lo, devera ser o mais normal. Feminizar a política também quer dizer isso: mostrar a vulnerabilidade, entender que as emoçons nom som sintoma de debilidade, mas de humanidade. A pergunta é se o medo paralisa. A resposta é nom.

Com os resultados nas eleiçons espanholas, qual será a vossa posiçom frente ao PSOE?

O resultado das eleiçons espanholas deixa umha mensagem clara: na Catalunha queremos decidir o nosso futuro, e nom vam ditá-lo em Madrid. Pedro Sánchez dizia que os cataláns nom queriam a independência, e tingimos o mapa de amarelo, em contraste com o resto do estado. Acho que com este resultado, à espera das municipais e europeias, Esquerra tem mais força do que nunca, e depende do PSOE entender que sem umha via política, democrática e pacífica para o conflito da Catalunha, Espanha nom vai ser estável. Sem negociaçom, diálogo, respeito, e sem abandonar a política de titulares e gestos superficiais, nom vamos sair adiante nós, mas o projeto de Espanha tampouco.

àngel garcía

Joan Marc Jesús i Prades, membro do Secretariat Nacional da Assembleia Nacional Catalá (ANC)

"A intençom de defesas, presos e entidades que apoiam é tornar o juízo um bumerangue contra o Estado"

Como se está afrontando na ANC e os movimentos sociais a resposta ao juízo?

Agora mesmo há umha estratégia conjunta com todos os atores soberanistas... Nom foi fácil mas chegamos a acordo. Começamos com umha manifestaçom em Barcelona, depois a de Madrid, umha greve geral à qual a ANC deu apoio desde um começo... A parte boa, se há parte boa, é a unidade neste cenário, já que nom há noutros.

Sabíades qual seria a estratégia escolhida polas defensas?

Nom. Sabíamos era que seria umha farsa em que o estado jogaria as suas cartas e os presos jogariam as suas. De facto é o altifalante que tenhem, depois de ano e meio fechados. E a intençom das defesas, os presos, as entidades que damos apoio, é dar a volta ao juízo e torná-lo um bumerangue contra o Estado. Sem dúvida, a sentença está já escrita. Mas ninguém deve aceitar pena nengumha, nem que for mínima, pois vai ser injusta.

Este tempo na cadeia mudou o discurso das pessoas presas?

Vai saber todo o que estám a passar. Perante um juiz, nom vás ir cantar Els Segadors e dizer-lhe que tal ou qual, vás é para sair e continuar a luitar na rua. Quem somos nós para os julgar? Mais ainda, quando som as cabeças-de-turco por fazerem o que figemos todos: manifestar-se, ir votar... Poderíamos ser qualquer de nós.

O estado joga bem a carta da repressom?

É evidente que conseguírom um efeito pondo os líderes políticos na prisom, também como exemplo. E nom só há este juízo, talvez o das caras mais visíveis: temos mais de mil encausados e encausadas no país. É claro, há pessoas que tenhem medo à perda do pouco que tenhem; isto saiu-lhes bem.

Depois do juízo, o que toca?

Temos que continuar como sempre. Estamos numha parêntese porque nos descabeçárom -os nossos líderes políticos, o nosso governo-. Mas a ANC nasceu para chegar à independência, e nunca tínhamos estado tam perto; de feito, foi declarada. Neste ano coletivamente cometemos o erro de andar de vítimas, sair a chorar e a pôr laços amarelos... Esta nom era a nossa luita, a nossa luita era conseguir a independência. Pode ser que déssemos um passo atrás, mas tem de ser para voltar com mais força.

VOZES ARREDOR DO 'PROCÉS' /

àngel garcía

Gemma Garcia, jornalista do semanário Directa

"Os meios podem contribuir a aumentar ou rebaixar a tensom dos conflitos, e estám a contribuir a aumentá-la"

'La Directa' publicou um suplemento com vários focos: irregularidades, membros do tribunal, provas achegadas... Por que é importante 'desmontar' desde os meios este juízo?

Os meios tenhem o dever de denunciar as injustiças e irregularidades de qualquer processo, judicial ou nom, e em definitivo a vulneraçom de direitos fundamentais. Desde o jornalismo temos de fiscalizar o poder e nom ao inverso. Portanto, desvendar as irregularidades que começaram no julgado de instruçom número 13 de Barcelona, explicar quem é quem do tribunal, é um imperativo de honestidade jornalística. Durante o desenvolvimento do juízo nom se está a permitir contrastar o relato policial com as provas documentais audiovisuais contribuídas polas defesas e portanto, gerou-se umha situaçom de indefensom. No terreno da construçom de relato, as palavras lançadas pelos agentes substituem os feitos. É um dever jornalístico contrastar aquilo que se di com os feitos e denunciar as incongruências e as mentiras. Só fazendo o exercício jornalístico básico: ir às causas, ao por que, ao quando, ao como, ao quem e achegando contexto é fácil concluir que se trata dum conflito político que cumpre resolver politicamente.

Num dos juízos mais mediáticos da história recente do estado espanhol, que papel desenvolvem os meios que o cobrem?

Um elemento importante a proteger nos tempos que correm, também desde o jornalismo, é o matiz, por isto considero que nom é bom uniformizar. Em todo caso, fazendo repasso das cabeceiras, grande parte da imprensa espanhola situa o foco unicamente no marco de legalidade frente à ilegalidade, quando fai falta incluir o marco da legitimidade frente à legalidade; e limita-se a reproduzir o relato das testemunhas policiais, com certa rejeiçom a o abordar como conflito político. Os meios podem contribuir a aumentar ou rebaixar a tensom dos conflitos e, com frequência, estám a contribuir a aumentá-la. Parte importante dos cabeçalhos espanhóis associárom as pessoas que se mobilizaram durante o *Procès* com a violência. No caso dos CDR, com adjetivaçom como '*kale borroka*', 'violência organizada'... Com respeito ao juízo, os principais meios espanhóis deixárom em segundo plano a cobertura das sessons, precisamente quando, se bem o relato policial tem um grande peso, também serve para que o independentismo se explique e denuncie a perseguiçom política e a repressom. Os meios internacionais, sobretodo, figérom-se eco ao princípio. E alguns meios, principalmente anglo-saxons, publicárom editoriais críticos com o estado espanhol polo facto de ter judicializado o conflito.

àngel garcía

Jordi Borràs, fotojornalista experto na ultra-direita

"O sucesso da ultra-direita é mover cara à direita a centralidade política de todo o espectro de partidos"

Que ambiente percebeste no começo do juízo?

Já tinha estado outras vezes em Madrid, e o que vivim, numha palavra, foi hostilidade. Em muitos sentidos. O primeiro dia havia muita expetaçom. Cheguei bastante cedo, como às sete. Já havia muitas pessoas e ainda que sabia que haveria algo de todo, a surpresa foi que como noventa por cento da gente era de Vox. Até o ponto de que eles repartiam os números para entrar à audiência pública, porque a polícia deu a eles. Havia hostilidade cara os familiares, e gritos de "traidor, golpista, filho da puta" quando chegavam os presos nas carrinhas, ou os encausados que nom estavam detidos... Até nos bares havia comentários, se sentiam falar catalám já che arqueavam a celha, bufavam... Fora do cordom policial havia gente da Falange e de Hogar Social Madrid. Reconhecêrom-me a tirar fotos de longe, e berrárom ameaças com o meu nome. Nada que nom viva aqui mas claro, alí a sensaçom é essa: hostilidade.

A presença da ultra-direita no juízo compromete o Estado?

Na história da ultra-direita em Espanha nos últimos quarenta anos, que só muda agora um pouco em terem presença institucional, há o que o historiador Xavier Casals chama de "presença ausente': a capacidade da ultra-direita, com todo estar fora das instituiçons, de marcar a agenda política dos grandes partidos. Neste caso ademais encontramos um partido, até há um par de dias extra-parlamentário, que com as suas querelas como acusaçom particular conseguiu, de facto, pôr umha série de pessoas em prisom preventiva acusadas de delitos de rebeliom e sediçom.

Conseguírom marcar as agendas políticas e judiciais do Estado. E o que vemos agora? Que as posiçons se radicalizam: o PSOE quere ser Ciudadanos, sacando a passear ao Borrell e essas teorias de espanholismo 'desacomplexado', Ciudadanos quer ser a ala dura do PP ou de Vox mesmo, Vox é Vox, e o PP que também quer ser Vox. É dizer, que o sucesso da extrema direita viria ser mover cara a direita a centralidade política de todo o espetro de partidos. E isso realmente é um drama.

daniel briot

Veste o teu colete, abandonamos o barco!

HARZ LABOUR

O movimento dos coletes amarelos parece que está a ficar sem fôlego. Nom falamos do número de manifestantes, que flutua cada semana, senom da dificuldade para renovar as formas, dos efeitos da repressom, da lassitude que atravessa os corpos e da influência de quem desejaria a qualquer preço que constituíssem um movimento social como os outros. Por enquanto, e ao contrário da impotência esquerdista, os coletes amarelos soubérom impulsar o transbordamento, nom definir-se, arriscar e superar-se sem descanso.

Numha altura em que os sindicatos já teriam aceitado os percursos e lugares de reuniom impostos pola polícia, os coletes amarelos deslocárom os distúrbios às proximidades dos centros de poder. Enquanto Mélenchon e os seus partisanos querem convencer-se de que poderiam chegar ao poder para salvar a França e a sua economia, os coletes amareles oponhem-se à democracia representativa e muitos afirmam que nom haverá nengumha melhora da sua qualidade de vida no sistema económico atual. Frente aos militantes que pensam serem radicais enquanto passam o tempo definindo-se ideologicamente sem qualquer conhecimento do real, os coletes amarelos só expressárom um descontentamento e, de manifestaçom em distúrbio, afirmárom que aquelas que se revoltam formam um povo.

Para dizê-lo com mais clareza, a força do movimento estava em nom parecer-se à esquerda: os coletes amarelos acertárom ao manter-se longe de todos aqueles que gostam da vitimizaçom e da impotência e que tendem a fugir da sua responsabilidade. Por exemplo, preferírom, já na primeira semana, o bloqueio económico e a açom direta às palavras dos Nuit debouts. Mas nom é por casualidade que, ao tempo que vemos como muda a composiçom social do movimento, a revolta, ameaçada pola açom combinada da repressom policial e das cooptaçons esquerdistas, deixa passo à indignaçom. Cada semana, ouvimos agora o espanto polos ouvidos surdos do governo, pola violência policial e polas mentiras dos meios. Insistindo no espanto e voltando repetidamente sobre os mesmos sujeitos, impede-se toda ideia nova e todo questionamento. O nome "colete amarelo", que só designa a subjetividade de quem se revolta e sae da atomizaçom, está a converter-se numha marca, numha identidade política entre outras. Surpreende ver como alguns, que eram descritos há poucos meses polos altivos esquerdistas como pessoas pouco politizadas que nom se rebelevam polas razons adequadas, reproduzem à sua volta o mesmo discurso sobre "aqueles que ficam frente à televisom antes que ajuntar-se a nós".

> Os coletes amarelos oponhem-se à democracia representativa e muitos afirmam que nom haverá nengumha melhora da sua qualidade de vida no sistema económico atual

Esquecem demasiado rápido que a força do movimento é resultado da permanência durante muito tempo, que centos de milhares de pessoas se sentem ligadas por terem participado dumha maneira ou outra, vindo a umha manifestaçom um sábado, discutindo dez minutos num bloqueio, oferecendo garrafas de água a quem ocupa umha rotunda, prevenindo da presença dos bófias num canto da rua, etc. Se bem as pessoas estám ainda presentes, dispostas a debater sobre o mundo em que vivem, nos centros das diferentes cidades, as vozes que se tinham libertado nas rotundas reaparecem canalizadas nos debates das Assembleias Gerais, onde a extrema-esquerda

impom os seus códigos e, com a esperança de fazer desistir todo o mundo, reprime as escassas intervençons espontâneas que se arriscam a ser expressadas. As Assembleias nom som mais que umha das formas do movimento e cometeríamos um erro considerando-as a sua representaçom. Em muitas cidades, os coletes amarelos que participam nestas discusons pertencem com frequência à classe média, e as Assembleias som menos habituais nas periferias e nas zonas mais pobres. Reduzindo por vezes a expressom política à palavra e à conflituosidade dos concursos de retórica, nom é raro que as militantes afugentem as outras pessoas.

Como explicava Alain Cornebou, autor do blogue *Carbure*, "observar quem usa a etiqueta 'coletes amarelos' em Paris, é tam desmoralizante como um cordom da bófia. ATTAC, associaçons cidadás, *nuitdeboutistes*, profes, profes e profes. Estes tipos som verdadeiramente repelentes para os proletários, mas foi precisamente porque eles nom estavam lá que o movimento foi tam potente". Com certeza, a chegada da esquerda ao movimento foi parelho à imposiçom dum discurso caricatural sobre a luita de classes, levado por professores e trabalhadores sociais convencidos de serem os condenados da terra. Como escreveu Nietzsche, ninguém mente mais do que um homem indignado (...)

Para nom sermos acusadas de limitar-nos aos comentários mordazes, fazemos umha proposta concreta: para além de juntanças, manifestaçons e distúrbios periódicos, além de nos esgotar em Assembleias inúteis, umha soluçom poderia ser cartografar o território e desenvolver as nossas açons sobre situaçons locais. Porque se bem é verdade que há momentos em que os encontros e as reunions permanecem ainda vivos, quando os coletes amarelos partilham as suas realidades, com frequência desesperadas, aprendem uns dos outros e trocam-se informaçons preciosas. É este o gesto que, durante o longo tempo que dura o movimento, deve ser aprofundado. Haveria que afastar-se dos discursos ideológicos projetados sobre o movimento e das generalidades sobre democracia para, sem egocentrismo, voltar às preocupaçons sobre as nossas condiçons de vida. Nom se trata, evidentemente, de transformar as reunions num gabinete de reclamaçons. O pessoal é político, mas contar a vida própria nom é um discurso político.

uxía amigo

Ao contrário, quem esteja interessado pola revoluçom francesa ou tenha lido um caderno de queixas das assembleias locais de 1789, teria percebido que significa passar do sentimento difuso de que algumha cousa nom funciona, da reivindicaçom abstrata dirigida ao Estado, para a assunçom em primeira pessoa do existente. Em cada caderno de queixas do Terceiro Estado, os inimigos som localizados e as soluçons som avançadas para descrever precisamente as condiçons de vida coletiva daquelas pessoas que, conjuntamente, escrevérom os cadernos. Neles, nada tem a ver com a indignaçom nem com a reivindicaçom choromiqueira, e sim muito com os coletes amarelos. É a nossa missom reconectar-nos com isso.

Texto publicado na revista bretoa 'Harz Labour' (nº 24, abril de 2019).

elena martín lores
elenamartinlores@novas.gal

Bianka Rodrigues, de El Salvador, é diretora-executiva e presidenta da Concavis Trans, umha organizaçom liderada por mulheres trans no Salvador que trabalha pola reivindicaçom e o cumprimento dos direitos humanos das pessoas LGTBI. Bianka sorri muito. Nom é fácil entrever algumhas das experiências com que tivo de lidar desde que na infância a mae dela a tivera oito anos encerrada em casa por se "comportar como umha menina" Bianka sofreu atentados contra a sua vida e foi sequestrada numha ocasiom. Porém, ela tivo sorte, umha vez que muitas das amigas dela acabárom sendo assassinadas por serem trans. Aos seus 26 anos, Bianka di que lhe restam 7, pois 33 é a média de vida das mulheres trans no Salvador. Falamos com ela na Lila de Lilith sobre a importância de que tanto as leis quanto a educaçom amparem e defendam o feminismo e os coletivos LGTBI.

Bianka Rodrigues
presidenta de Concavis Trans, de El Salvador

pablo santiago

"Há campanhas a fazer apologia dumha ideologia de ódio contra as pessoas LGTBI"

Como é a situaçom das pessoas trans e LGTBI no Salvador?
No Salvador, como em quase todo o mundo, falar na situaçom das pessoas LGTBI é falar num contexto de vulneraçom dos direitos humanos e numha violência constante. No Salvador nom contamos com nengumha lei que proteja ou reivindique os direitos LGTBI, apenas umha reforma do Código Penal que tipifica as ameaças e crimes por ódio motivados pola orientaçom sexual e a identidade de género. Porém, esta reforma, que entrou em vigor em 2015, nom está a ser aplicada. Em geral, aquilo que se verifica é umha resistência à promoçom e proteçom dos direitos humanos da populaçom LGTBI, mesmo que se tenham dado avanços na criaçom de políticas públicas de inclusom que som positivas, mas a grande dificuldade que existe é ver os novos ministros, que irám assumir o cargo em junho, a tomar como vinculante essa boa prática que o Estado deixou para ser aplicada polos vários ministérios.

Participas ainda numha iniciativa por umha Lei de identidade de género.
Sim, nom temos umha lei que reconheça e promova os direitos económicos, civis e culturais da populaçom trans. Até agora, por exemplo, as mulheres e homens trans nom podem mudar o nome de acordo com a

"As mulheres trans no Salvador tenhem umha expetativa de vida de 33 anos, de acordo com o estudo realizado pola procuradoria dos DDHH e o programa da ONU"

pablo santiago

sua identidade e expressom de género. Muitas delas enfrentam desafios no mercado de trabalho, sendo que a maior parte delas nom conseguem aceder a um emprego digno e, se o fam, som discriminadas. A maioria acaba por exercer a prostituiçom ou por trabalhar em empregos informais como o comércio ambulante ou em fábricas onde som exploradas. E se algumha quer dedicar-se a outra cousa, é atacada sistematicamente.

Na educaçom às pessoas trans nom se lhes permite estudar mostrando a sua identidade ou expressom de género. Às que conseguem aceder ao mundo académico e se querem graduar, é-lhes negado o título até porque se lhes exige aparecerem nas fotos com o aspeto de género que tinham ao nascerem. Está-se o tempo todo a falar em políticas de inclusom, mas a maioria das vezes nom se aplica.

Para além de entraves institucionais, as pessoas trans, especialmente as mulheres trans, sofrem de episódios de violência contínuos.

As mulheres trans no Salvador tenhem umha expetativa de vida de 33 anos, de acordo com o estudo realizado pola procuradoria dos DDHH e o programa da ONU. O estudo revela que sofrem da violaçom de 11 direitos fundamentais.

A violência reflete-se, sobretudo, em mulheres trans dos 17 aos 28 anos, mulheres que tenhem que fugir do país na procura de proteçom porque sofrem ameaças e agressões físicas constantes. Muitas precisam que alguém lhes ofereça segurança e proteçom, mas as instituições públicas competentes mais nom fazem do que darlhes um documento que certifica que apresentárom umha queixa. Onde é que estám os verdadeiros programas de proteçom que devia ter essa populaçom? Há um programa de proteçom a vítimas que nom é vinculante para as pessoas LGTBI. Ora bem, esta situaçom de violência reflete-se ainda nas mulheres lésbicas, nas bissexuais ou nos homens trans, que som assediados por quadrilhas pola sua identidade. Muitas vezes sofrem de assédio físico e sexual por gangues quando comprovam que tenhem um nome feminino no seu documento. E há mesmo casos documentados de oficiais das forças armadas e da polícia nacional que fam o mesmo, polo que as queixas, mesmo que se apresentem, nom garantem a segurançam em nengum caso.

As mulheres lésbicas sofrem violaçons corretivas como prática "restauradora" da sua heterossexualidade, praticadas principalmente por familiares que pensam que com umha violaçom -com a penetraçom- a filha poderá "curar-se". Os homens gais passam por terapias de reconversom à base de eletrochoque, ou os pais levam os filhos a bordeis para serem assediados por umha trabalhadora sexual a fim de corrigir aquilo que consideram ser umha desviaçom da sua "*hombría*".

"O discurso de ódio enerva e exagera ainda mais a violência cara às pessoas LGTBI"

O Estado nom fai qualquer cousa para mudar a situaçom de violência contínua dos direitos humanos?

Nom. A atitude do Estado é passiva, apesar de que se fai visível e se denuncia. Há umha Secretaria de Diversidade Sexual que devia era ter um papel mais protagonista, mas está mui limitada. Desde 2011 que estamos a tentar avançar com a Lei de Identidade de Género, mas depois de em março do ano passado ter entrado à assembleia legislativa, acabou por ser arquivada pola falta de vontade política dos deputados. Temos ainda 84 deputados a colocarem a sua religiom à frente do seu dever constitucional. El Salvador é um estado laico de acordo com a Constituiçom, mas temos umha Assembleia em que se celebram missas, com a imagem da Virgem a surgir por toda a parte, em vez de colocarem a mao por cima da Constituiçom para jurarem o seu cargo, preferem é a Bíblia, que consideram o livro sagrado. Ademais, o Estado permite que grupos anti-direitos passem a sua mensagem de ódio contra a orientaçom sexual e a identidade de género das pessoas. É certo que vivemos num país no que há liberdade de expressom, mas se se passam mensagens de ódio para a sociedade, isso devia estar regulado. É mui grave. Este discurso de ódio enerva e exagera ainda mais a violência cara as pessoas LGTBI. E nom está regulado. Na comunicaçom social há campanhas a falarem nesta ideologia de ódio, como se passou no estado espanhol com o autocarro da Hazte Oír. Eles chamamno de "ideologia de género", mas

a terra treme

pablo santiago

nom é ideologia de género porque é o próprio estado a criminalizar as mulheres que resolvem abortar, ao ponto de que mesmo tendo decidido avançar com a ideia de serem maes, ao sofrerem um aborto natural, podem acabar por ser condenadas a 50 anos de cárcere por homicídio. No Salvador há muitas mulheres na prisom por estas circunstâncias (sendo ainda atacadas polas presas porque o aborto está mui mal visto). Embora tenhamos leis que protegem a infância e a adolescência, estas nom se aplicam. Há meninas de 10 anos com filhos, meninas a cuidarem de meninos, muitas vezes por causa do assédio a que fôrom submetidas por familiares ou conhecidos. E onde é que estám esses assediadores a cumprirem pena por isso? Nom estám.

El Salvador é, por assim dizer, um estado falido com umha falta de institucionalidade gravíssima.

Como compararias esta situaçom a do estado espanhol ou doutras partes do mundo?

No mundo a situaçom avançou um pouco. Começou por ser regulado na América Latina e no Caribe: em 2017 apareceu a Opiniom Consultiva número 24 à luz da Comissom Interamericana dos DDHH. Afora o debate em torno de se deve ser ou nom vinculativo, nela fala-se no reconhecimento dos direitos relativos à expressom e identidade de género, e os matrimónios entre pessoas do mesmo sexo. Para além de se reconhecer na Convençom, os estados deviam atender para estas recomendações e garantilos. Porém, há ainda países a imporem penas de morte polo facto de se ser LGTBI, sem ir mais longe, numha potência mundial como é a Rússia.

No estado espanhol registárom-se muitos avanços, mas esses direitos podem estar em risco, se nom som 'assinados em pedra'. Se o estivessem, podíamos ficar descansadas, mas nom é bem assim.

Para o reconhecimento das pessoas trans, ajudava terminar com a ideia de que apenas existem dous géneros, e que as mulheres tenhem vagina e os homens, pene?

O problema é a heteronormatividade, que che di como tem que ser um homem e como tem que ser umha mulher, e tudo aquilo que estiver por fora disso, está errado. É certo que muitas mulheres trans adotam umha identidade feminina e os homens trans umha masculina, mas também é verdade que estám a surgir mais géneros que é necessário validar. Nom se aceita é esta realidade polo patriarcado e o sistema opressor em que vivemos. Ademais, se as mulheres trans som más discriminadas que os homens trans é porque elas renunciam aos privilégios que tinham enquanto homens, e isso o patriarcado nom o tolera. A cousa vai para além de falar em penes e vaginas. Além disso, se o pensarmos bem, termos pene ou vagina, para que é que serve? Há pessoas que acham que serve para reproduzirmonos, mas, entom, umha mulher estéril deixa de o ser por isso? Esta ideologia de que as mulheres tenhem vulva e servem para a reproduçom ficou obsoleta, escraviza as mulheres e tem de desaparacer.

"A juventude é agente de mudança, é ela que pode educar os seus pais no feminismo e no movimento LGTBI"

"A violência reflete-se, sobretudo, em mulheres trans dos 17 aos 28 anos, mulheres que tenhem que fugir do país na procura de proteçom porque sofrem ameaças e agressões físicas constantes"

És otimista sobre o futuro?

A chave é nom deixar de lutar. O movimento social tem que reforçar-se a partir da base, a luta social constrói-se na rua e nom a partir de um escritório ou de um parlamento, porque é na rua que se geram as exigências e os direitos. De nada serve termos as leis do nosso lado se a sociedade civil está desinformada e nom considera os direitos LGTBI como direitos humanos. É preciso apelar para a unidade para evitarmos a perda de direitos, um exemplo é a Costa Rica, que viu os avanços feministas e LGTBI a serem ameaçados por um pastor evangelista, mas a sociedade, agindo em conjunto, conseguiu entravar a ameaça. Por isso é tam importante a educaçom e falar nos liceus. A juventude é agente de mudança, é ela que pode educar os pais no feminismo e no movimento LGTBI, mostrar-lhes que nada há de errado em se ser trans ou homossexual, mas, antes polo contrário, ter umha identidade própria ajuda as pessoas a serem felizes.

O falocentrismo e o patriarcado estám um pouco por toda a parte, até nas tomadas elétricas que chamamos de macho e fêmea de acordo com como as introduzamos, nom é?

(risos) Claro, a sociedade está sexualizada com base no falocentrismo, com a mulher a assumir o papel de sujeito passivo, como sendo penetrável, como as tomadas. A submissa. O homem é o que tem a vantagem, o que exerce o poder. E isto comprova-se por toda a parte. Até que isso nom mude, a situaçom para as mulheres e pessoas trans nom vai mudar.

o bom viver

ronseis / Paula Godinho / **22**

país / moda sustentável / **26**

Umha década em quadrinhos

Quando se fam quarenta anos da publicaçom de *Xofre*, fazemos um repasso em quatro paragens por umha década em que a BD galega olhou cara a fora e se integrou nos repertórios do género dominantes no mundo ocidental. Umha olhada que fica longe de ser exaustiva mas resulta bem representativa dos polos de atraçom arredor dos quais orbitou a evoluçom deste espaço artístico na altura. página **28**

maria rodinho

“Aqui onde estamos, somos o resultado de um processo longo de resistência”

maría rodiño
mariarodinho@novas.gal

A ideia de fronteira centrou a última Semana Galega de Filosofia que decorre na Aula Castelao anualmente em Ponte Vedra. A antropóloga Paula Godinho (Lisboa, 1960), investigadora e professora na Universidade Nova de Lisboa, conhece bem um espaço privilegiado para esta reflexão, a raia, onde desenvolveu boa parte do seu trabalho de campo. Falamos com ela um dia depois da comemoração dos 45 anos do 25 de abril, “um momento empolgante” do qual tirar lições fugindo da nostalgia: “Só o futuro é que me provoca saudades”, diz.

A tua conferência nesta Semana Galega de Filosofia titula-se “Em busca de uma condição cosmopolita: que podemos aprender com os vizinhos da fronteira galaico-portuguesa num tempo longo?”. O que caracteriza esta condição cosmopolita?

É uma proposta de um antropólogo francês que tem trabalhado muito sobre as fronteiras, Michel Agier. Ele, numa obra de 2013, diz que o desafio do tempo atual é a criação de uma condição cosmopolita, o que, neste tempo de muros e de oceanos que se dilatam, em que aquilo que já foi o Mare Nostrum é agora um cemitério, é premente.

E que é a condição cosmopolita? Aquela na que, enquanto humanos, encaramos a outra ou o outro sem ser em base numa diferença abissal: aquilo que nos separa é uma diferença relativa, não é uma diferença que transforme a outra ou o outro em alguém que nos produz medo.

Que nos ensina a raia sobre esta questão?

Aquilo que me preocupa, ainda que eu tenha trabalhado muito sobre a memória e sobre o passado ao longo da minha vida, é o futuro. Aquilo que, enquanto sociedades democráticas, vamos querer fazer com o que nos foi legado. Nós temos inúmeros passados e é acerca deles também que temos que tomar decisões para o futuro.

Nós estamos aqui perto de uma fronteira com a qual temos muito para aprender sobre a condição cosmopolita, porque os vizinhos desta fronteira, de um e outro lado, em momentos da história que nalguns casos têm que ver com o quotidiano, com as rotinas, souberam ganhar a vida e souberam salvar a vida usando a condição de fronteira, porque nas situações de crise não foi um muro, como os poderes de Madrid e Lisboa quiseram que fosse. Foram poderes distantes os que olharam para a fronteira em termos de soberania, mas nos seus povos ergueu-se uma cultura de fronteira que é, por vezes, uma cultura contra os estados.

Podemos conciliar a construção desta condição cosmopolita com a construção nacional?

O lugar dessa condição cosmopolita creio que honra qualquer nação, também as nações sem estado,

porque qualquer nação deve não desejar pôr nas margens alguns. A condição cosmopolita, por tanto, consegues conjugá-la com a criação da nação.

Há um exemplo que me agrada bastante: o poeta russo Vladimir Maiakovski conta na sua autobiografia que a determinada altura queria fazer-se ver enquanto poeta, mas ele vestia tão mal, era tão pobre, que tinha uma grande dificuldade de reconhecimento. Um dia, quando sua irmã estava a coser, ele tirou-lhe um tecido amarelo e fez uma gravata. Quando sai à rua toda a gente diz: "Vejam o poeta Maiakovski! O poeta Maiakovski tem uma gravata amarela!". E ele percebeu que a gravata se tinha tornado tão importante por ser amarela que ele resolveu dilatar a gravata e fazer uma camisa. Penso que pode ser uma imagem muito interessante para a expansão da noção de fronteira através da construção de culturas de fronteira.

Outra ideia destacável da tua intervenção nestas jornadas é a da armadilha identitária. Em que consiste este perigo?

Durante muito tempo falámos em formatos de identidade que nos tornam radicalmente distintos dos outros e não ajudam nada à construção da condição cosmopolita. Muita da minha reflexão sobre esta questão da cidadania cosmopolita vem desta fronteira. Um exemplo: o Couto Misto. Ao longo de séculos, conseguiu escapar ao Estado espanhol, ao Estado português, aos impostos mais gravosos por parte da Igreja, a formatos de dominação feudal... Como? Diluindo-se, não se identificando. A expressão Couto Misto é um exónimo, é feita de fora para dentro. É aquilo que James C. Scott vai chamar *escapismo*, no sentido de que escapavam a qualquer formato identitário.

"A condição cosmopolita é aquela na que encaramos a alteridade sem ser em base numa diferença abissal, mas relativa"

O teu livro 'O futuro é para sempre' (Através, 2017) começa com uma bela imagem: o homem idoso que, numa aldeia de Vinhais, planta castanheiros com entusiasmo, embora assumisse que ele não iria provar as castanhas. Estamos a perder esta capacidade de pensar no futuro, a ligação entre gerações?

Estamos, porque fomos empurrados para isso. O capitalismo já tem uma história longa, o que não quer dizer que essa história tenha sido toda igual ou que os formatos de exploração e dominação tenham sido sempre idênticos. Há anos, um sindicalista despertou-me para uma imagem muito interessante: ele dizia que era como se estivéssemos a viver um tempo de paleolítico, no sentido de que se destrói aqui e se segue em frente para destruir noutro lugar. Mas quando se passa algum tempo no meio rural percebemos como todo é um ciclo e que se tem de repetir.

Nesta fase de tardocapitalismo, como o denomina o grande antropólogo Marshall Sahlins −com um termo que eu acho mais interessante que neoliberalismo, porque 'neo' dir-se-ia que é o princípio de qualquer coisa− parece que encaramos com mais facilidade o fim do mundo que o fim do próprio capitalismo.

Parecemos ter dificuldade em perceber que estes formatos destruidores começaram há muito. Ora bem, o que me parece acerca disto, e foi por essa razão que eu em 2012 comecei a trabalhar nesse livro, é que às vezes corremos o risco de ficar muito pessimistas. Isto parece tudo tão mau que nós deixamos cair os ombros. E no entanto, quando foram os quarenta anos do 25 de abril, em 2014, num tempo duríssimo para mocidade portuguesa, um artista plástico escreveu no muro da minha faculdade: "O futuro é para sempre".

Temos de reconquistar para nós esse futuro?

Neste livro eu fui buscar três etnografias diferentes para falar de três práticas possíveis. Para mim era importante pensar, também com as minhas alunas e alunos, que sociedade queremos. Sim, porque o mundo não vai acabar, a história não vai acabar. Quando nos falarem do fim da história é importante termos presente que isso tem ideologicamente rações, porque quando tu só falas do fim de coisas não estas a pensar no princípio de coisas.

Pensar no futuro é pensar nas sociedades que queremos, e este livro ajudou-me até a partir para outros terrenos. Estou no Brasil a trabalhar com mulheres do Movimento Sem Terra (MST) a tentar perceber o que é construir a partir do rural um mundo equilibrado, com uma agricultura orgânica, com respeito por esse mesmo mundo, por aquilo que nos foi legado.

Aqui onde estamos, somos o resultado de um processo longo de resistência. Para estarmos aqui, gerações e gerações resistiram a guerras, a fomes, ao imperialismo, ao colonialismo, a doenças gravíssimas... E nós estamos aqui porque resistimos. Resistir é o caminho.

Falas da necessidade de ganhar a vida, salvar a vida e sonhar outra vida. A urgência das duas primeiras questões obriga-nos a descuidar a terceira?

Uma das três etnografias do livro é um trabalho de campo desenvolvido na fronteira em 2012 e 2013. Aquele momento foi duríssimo para a zona em

que eu estava [Verim]: as mulheres da costura tinham ficado sem trabalho, porque o seu tinha sido enviado a outras zonas do globo onde a mão de obra era mais facilmente explorada. Então eu reparo em que as pessoas comparam a situação que tinham no passado, que achavam que era um pouco melhor que o presente, e começo a perguntar-lhes como é que imaginam que vai ser o futuro. E ali, na *imaginação* acerca do futuro, parecia que os sintomas da crise tinham invadido os próprios sonhos, as pessoas já estavam pessimistas até no nível daquilo que era possível projetar para o futuro.

Mas quando tu começas a estimular as pessoas para elas te disserem com que é que sonham percebes que o imaginado por elas não é necessariamente imaginário, no sentido de *irreal*. Aquilo que elas te vão dizendo para o futuro é que elas sonham com uma vida boa, uma vida digna, e querem-na também para os seus filhos. Não querem que vão para muito longe, querem que possam estudar... Começam-te a falar de sonhos simples, concretos, do quotidiano. E começas a perceber uma coisa: que elas não os desejam só para si próprias. Ou seja, as pessoas também sonham sociedades.

> *"Nos povos da raia ergueu-se uma cultura de fronteira que é, por vezes, uma cultura contra os estados"*

Que conclusões tiraste dessa experiência com as mulheres do sector têxtil da fronteira?

No livro analiso práticas possíveis em situações de crise e do quotidiano. O que enquanto humanos nós fazemos. Reflexiono sobre o *escapismo* do Couto Misto e, neste caso, sobre as chamadas *lutas imediatas*, um termo que usa Michel Foucault e que os antropólogos Susana Narotzky e Gavin Smith aplicaram a homens e mulheres que trabalham a fazer alpargatas e bonecas na zona de Alicante. Trabalham em casa e trabalham em rivalidade os uns com os outros.

"Quando nos falarem do fim da história é importante termos presente que isso tem ideologicamente rações, porque quando tu só falas do fim de coisas não estas a pensar no princípio de coisas"

As lutas imediatas fazem-nos sentir tão sozinhos que nós achamos que a culpa de o nosso problema não ser resolvido é do nosso vizinho. Ao contrario do que faziam os vizinhos da fronteira, para os que a culpa não era do vizinho do outro lado, a culpa frequentemente estava bem longe. Ora bem, as lutas imediatas vão a procura do inimigo imediato e o inimigo imediato no local de trabalho é o colega, é aquele que sendo eu precário e ele também pode vir ocupar o meu lugar. Remeter para este nível de proximidade as contradições faz com que não entendas que as contradições são produzidas a um nível mais elevado.

Na terceira etnografia do livro reflexionas sobre a Reforma Agrária.

É a etnografia do movimento social, na que estou neste momento a aprofundar ainda mais. Eu sou antropóloga do político, a minha tese de doutoramento foi sobre um movimento social do passado: a memória comunista no Couço, uma povoação do sul de Portugal com uma longa historia de luta contra a ditadura portuguesa e contra o latifúndio.

Essa etnografia fala dum momento empolgante: a Reforma Agrária que sucede ao 25 de abril. Nos dezanove meses que se seguiram, até o 25 de novembro de 1975, a população envolve-se em todo um conjunto de situações novas e uma delas é esta reforma. Esse é um tempo do chamado poder popular, que é outro formato de democracia. Foram tempos em que, enquanto cidadãos, tivemos de aprender tudo. Agora, com as mulheres do MST, estou a trabalhar de novo com as invenções da democracia.

Num momento complicado para o Brasil.

Muito complicado, mas mesmo num momento de defensiva, como é este, elas estão a conseguir conquistas importantes. O Movimento Sem Terra interessa-me bastante porque a questão da terra é fundamental e porque travam as lutas todas ao mesmo tempo. As lutas pelas questões de género estão lá presentes, as lutas pela agricultura orgânica são fulcrais... Ou seja, são lutas por este mundo, são guardiões deste mundo também.

Aquilo que na revolução portuguesa me pareceu interessante, eu fui procura-lo agora no maior movimento social do mundo em extensão do território e em pessoas envolvidas. Creio que o MST nos está e ensinar muita coisa para a criação de uma *isonomia*, porque não pode haver democracia sem igualdade e nunca tivemos um mundo tão desigual.

Além de Bolsonaro no Brasil, estamos a viver a emergência de Vox no Estado espanhol, o crescimento de partidos de extrema-direita por toda Europa, Trump... Portugal resiste a esta tendência?

Nenhum país está blindado a estes processos. Quando Hobsbawm escreveu *A era dos extremos* demonstrou que o fascismo e o nazismo surgiram num período idêntico. Portanto, tem a ver com o tempo e ninguém está imune.

Às vezes, mesmo as que somos das Ciências Sociais podemos ir buscar inspiração à literatura. Há um autor francês, Éric Vuillard, que em *A ordem do dia* confronta-nos com os dias anteriores à implantação do nazismo. Começa com uma reunião em fevereiro de 1933 na que os grandes capitalistas da Alemanha comprometem-se a dar-lhe dinheiro a Hitler para as eleições. Por isso quando dizemos que Hitler chegou ao poder democraticamente, temos de ir ver onde é que foi arranjar dinheiro.

O livro, belissimamente escrito, é muito estimulante, porque nos fala da véspera de tudo: como nós vamos tendo pequenos sinais que às vezes no momento não temos capacidade para ligar. Vemos a ascensão de movimentos como Vox, Bolsonaro... É como se estivéssemos a ver, de véspera, as mesmas coisas em diferentes sociedades, mas é como se assobiássemos para o ar. Como se isto não nos dissesse nada ao respeito.

Estamos já irremediavelmente nessa véspera ou ainda há esperança?

Claro que há! Como é que os vizinhos da fronteira resolveram os assuntos? Juntando-se. Temos de estar com os nossos, perceber que é o que queremos enquanto sociedade. Espanha e Portugal têm uma história de ditaduras longas, mas será que nós tivemos adequadas políticas públicas de memória? Quantos anos precisamos para perceber que a matriz de qualquer sociedade democrática está naqueles que lutaram para que ela exista e não nos outros? Construir políticas de memória adequadas faz com que, enquanto cidadãs, estejamos mais preparadas para dizer aquilo que aqui na Galiza foi um grande movimento, que foi importante porque se juntaram e estiveram em comum: "Nunca mais!".

MODA /

“A sustentabilidade é umha urgência”

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

No mês de abril decorreu em Vigo a Semana da Moda Sustentável. Entre as diversas atividades que se desenvolveram encontrava-se a apresentaçom do Fento, um coletivo que procura sensibilizar para a forma de se consumir roupa e o seu impacto social e ambiental. Essa semana foi a sua carta de apresentaçom, mas preparam novas atividades e com elas falamos sobre o que é a moda sustentável.

Selena Rodríguez e Noemí Díaz formam parte do Fento e recebem-nos num espaço de *coworking* perto do casco velho de Vigo. Noemí conta com um projeto de recuperaçom de peças de roupa, mas também das histórias pessoais que contenhem e que depois som difundidas entre as novas usuárias da roupa. Selena, ainda que nom trabalhe no sector têxtil, fai parte de umha comunidade de apoio à inovaçom social e participa aconselhando e acompanhando este novo projeto.

“A Fento nasceu do interesse de pessoas em colaborar, em conectar marcas de designers, de artesaos.... mas sem pensar em individualismos”, expom Selena. Pola sua banda, Noemí acrescenta que “nom se trata de um coletivo de marcas para potenciar-se, nom queremos vender mais, o que queremos é que a gente se interesse pola moda sustentável e fagam umha pequena mudança nos seus modos de consumo”.

Das matérias-primas à loja

Mas o que significa moda sustentável? Nom é umha pergunta tam fácil de responder, pois dentro da sua definiçom pode entrar um grande abano de projetos. Assim, Noemi acha que “a moda sustentável é a que a respeita as trabalhadoras e trabalhadores, em todos os elos da cadeia de valor, desde quem fai o desenho até quem entrega nas maos a roupa, passando pola pessoa que desenha, que processa a fibra, quem trabalha fazendo o tecido ou quem está na tenda”.

A esta primeira definiçom Selena e Noemí vam fazendo algunss acréscimos, como a sensibilizaçom para o respeito polo ambiente, o cuidado das matérias-primas, a reciclagem e o alongamento da vida da roupa ou a importância da produçom local. “E também nom seguir no consumismo, pensar no porquê e para que compramos a roupa e que é o que realmente precisamos”, reflete Noemí.

Assim, as grandes marcas, da chamada *fast fashion* –pola rapidez com que a roupa é consumida e

"A moda sustentável é a que a respeita as trabalhadoras e trabalhadores em todos os elos da cadeia de valor"

descartada– "vendêrom-nos isso da democratizaçom da moda, mas realmente isto fai-nos mais infelizes. Precisamos em todo momento de roupas novas, consumir, ir às tendas, à página web... e finalmente o que estás a fazer é acumular peças de roupa que nom se usam, que exploram recursos, que som feitas de plástico... nom tem sentido", continua a refletir Noemi.

Noemí fala também de ecodesign, de se formular no momento de conceber umha roupa todo o seu ciclo de vida e pensar como é que ela vai rematar. "Queremos fazer roupas novas? Bem, mas fagamo-las de umha maneira responsável", salienta Noemí. E ao falar de condiçons de trabalho, fala-se também de exploraçom laboral e, no caso das marcas pequenas e artesanais como as que conformam a Fento, de auto-exploraçom. "Nós próprias temos que cuidar de nós porque nos auto-exploramos muitas vezes para poder levar estes projetos adiante. Sempre empregamos horas nas nossas marcas, às vezes demasiadas, mas porque nom temos outra forma de continuar", apontam Selena e Noemí.

Umha semana de reivindicaçom

Na sexta-feira 26 e no sábado 27 de abril a Fento organizou em Vigo várias açons e atividades para celebrar a Semana da Moda Sustentável, no quadro da internacional Fashion Revolution Week. Esta semana pretende-se que coincida com o 23 de abril, dia em que desabou no Bangladesh o prédio Rana Plaza, que albergava várias fábricas têxteis que trabalhavam para marcas internacionais. Fora em 2013 e neste desastre morreram mais de mil pessoas, a maioria mulheres trabalhadoras das fábricas têxteis.

Esta semana de atividades por umha moda justa a nível global é organizado pola Fashion Revolution, um coletivo que auna gente do têxtil e doutros sectores e que procura umha mudança radical na forma de produzir e consumir a roupa. "Fam-se umha série de atos que dependem das associaçons ou das agrupaçons como nós que querem reivindicar umha indústria da moda mais justa. A Fashion Revolution pom as ferramentas e os discursos e tu adaptas à tua realidade. Nos adaptámo-la aqui à Galiza", indica Noemí.

Assim, o ponto escolhido para realizar umha açom foi a rua Príncipe de Vigo, lugar em que se concentram várias tendas da chamada *fast fashion*. Este *flashmob*, pois assim foi baptizada a açom pola Fento, consistia em fazer umha cadeia de peças de roupa e pessoas que percorresse esta rua, tentando chegar o mais longe possível. Ao mesmo tempo, iam parando a gente que passava e perguntando-lhes se sabem o que é a moda sustentável, quem figera a sua roupa... E muitas uniam-se à cadeia. "Queríamos chegar à metade da rua Príncipe econseguimo-lo. O ano que vem voltaremos a fazê-lo e chegaremos mais longe", afirma Noemi com convencimento.

Nesse fim de semana apresentou-se também publicamente o manifesto da Fento, em cuja redaçom colaborárom todas as pessoas que participam desta iniciativa. Nele definem-se assim: "Somos um coletivo de desenhadoras, artesás e criadoras de moda sustentável. Somos feministas, éticas e transparentes. Somos promotoras". A manhá da sexta-feira foi dedicada a conhecer os obradoiros e as iniciativas das pessoas que conformam a Fento. Após a cadeia e a apresentaçom do manifesto, foi o momento de umha mesa redonda arredor da moda sustentável.

A jornada do sábado foi a mais celebrativa, com atividades como troca de roupa ou a confeçom de umha peça de roupa colaborativa.

Algo de estética

Durante a conversa com Noemí e Selena aparecem algumhas ideias arredor da estética, um termo que muito tem a ver com a moda. Noemí assinala que há muitos estereótipos arredor da estética da moda sustentável, mas salienta que dentro deste sector há umha variedade muito ampla. "Se miras umha peça de umha marca de moda sustentável e umha de fast fashion, às vezes nom vais encontrar diferenças até que nom a tocas e ficas a saber de onde vem, quem e como a fijo, que tecidos fôrom empregados...", diz Noemí, quem também acrescenta que na moda sustentável pode encontrar-se um cuidado por que todos os corpos se vejam representados nas roupas.

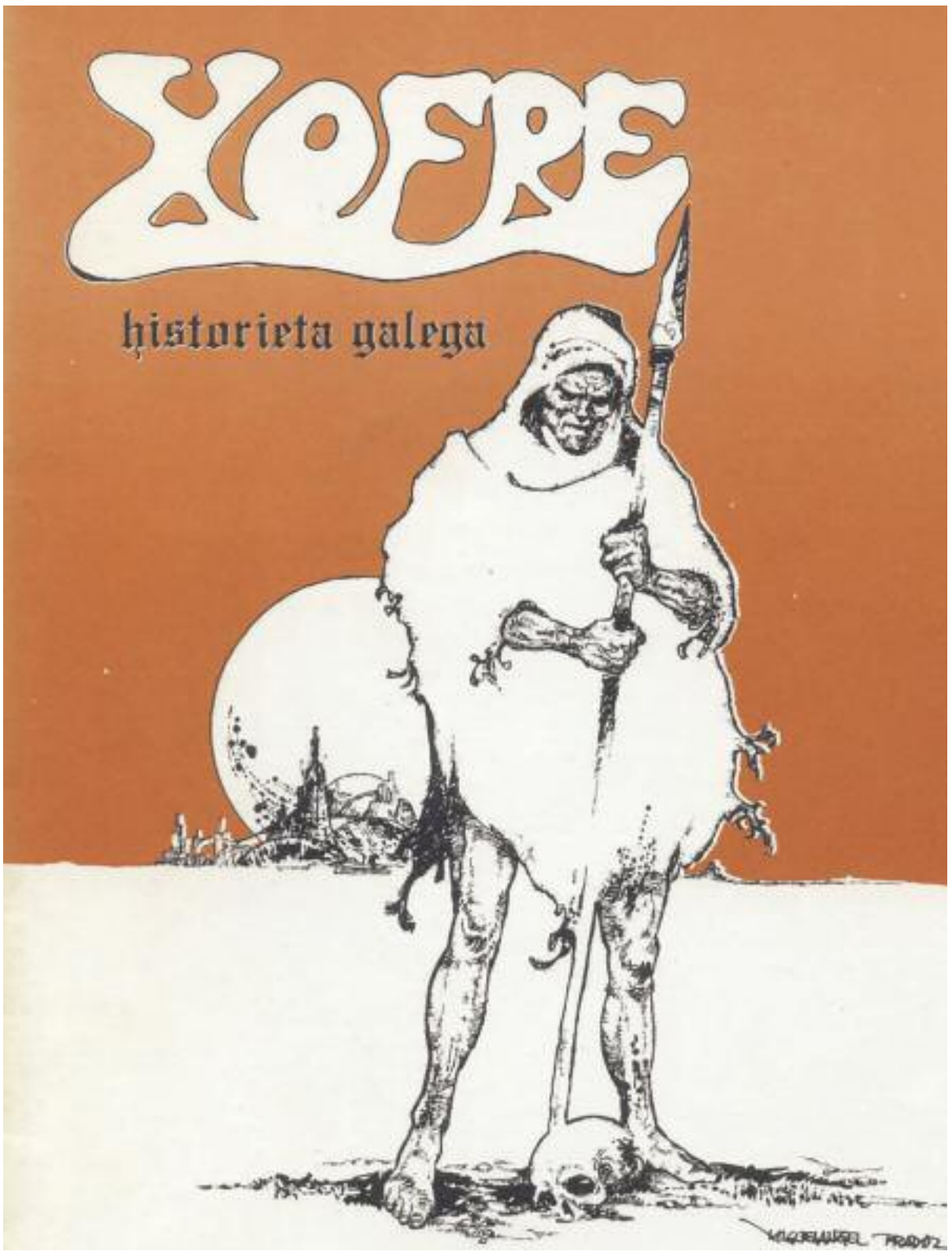
O têxtil é um sector chave na economia galega. E fortemente feminizado, das costureiras que faziam arranjos na casa às que cosiam para grandes marcas ou as que trabalham nas lojas. "Sabemos que existe todo esse conhecimento técnico e nom queremos que se perda. Queremos que se mantenha, pois também é património" indicam na Fento.

"A sustentabilidade é umha macrotendência mas hoje é umha urgência", salientam Noemí e Selena. Assim, vem que para manter o futuro nom há outra soluçom e mostram-se com a certeza de que "mudanças pequenas vam fazer mudanças maiores".

BANDA DESENHADA /

Umha década em quatro quadrinhos

ana quintiá



A de 1980 foi na Galiza, como estava a ser na sua contorna, a década dos fanzines. Umha cena possibilitada tecnicamente polo aparecimento e extensom da fotocopiadora, facilitada pola relaxaçom da censura e, sobretodo, nutrida de conteúdo -ou de evasom- pola grande deceçom da transiçom democrática. Dentre todas as publicaçons que, marcadas polo *do it yourself* e as posiçons nas margens, servírom de canal de expressom geracional, umha série delas viriam dar passo a desenhistas e publicaçons que instituírom um novo modo de fazer na banda desenhada galega. Tomam distância com as pesquisas por volta dumha 'estética galega', ou com os tópicos nacional-populares da arte militante, que encarnaram nos precursores da BD galega nas décadas de 60 e 70, e instalam umha outra estética mais próxima do underground, mais dada à fantasia e com espaço para o *punk* e as drogas.

'Historieta' Galega

O ponto de início situa-se no Dia das Letras de 1979. Apresenta-se em Compostela o número um de *Xofre. Historieta galega*, o primeiro fanzine dedicado à banda desenhada. A revista é auto-editada por Fran Jaraba, Miguelanxo Prado e Xan López Domínguez, constituídos para a ocasiom como Coleitivo Xofre. Desde uns meses antes vendem desenhos e autocolantes, principalmente no ambiente da Universidade compostelana, com que financiam parcialmente a ediçom e geram certas expetativas a respeito da revista. Também eles contactam o quadro de colaboradores dum projeto que, segundo indicam no editorial, "tenta encher um vazio" e "amossar que pode e deve haver umha *historieta* galega".

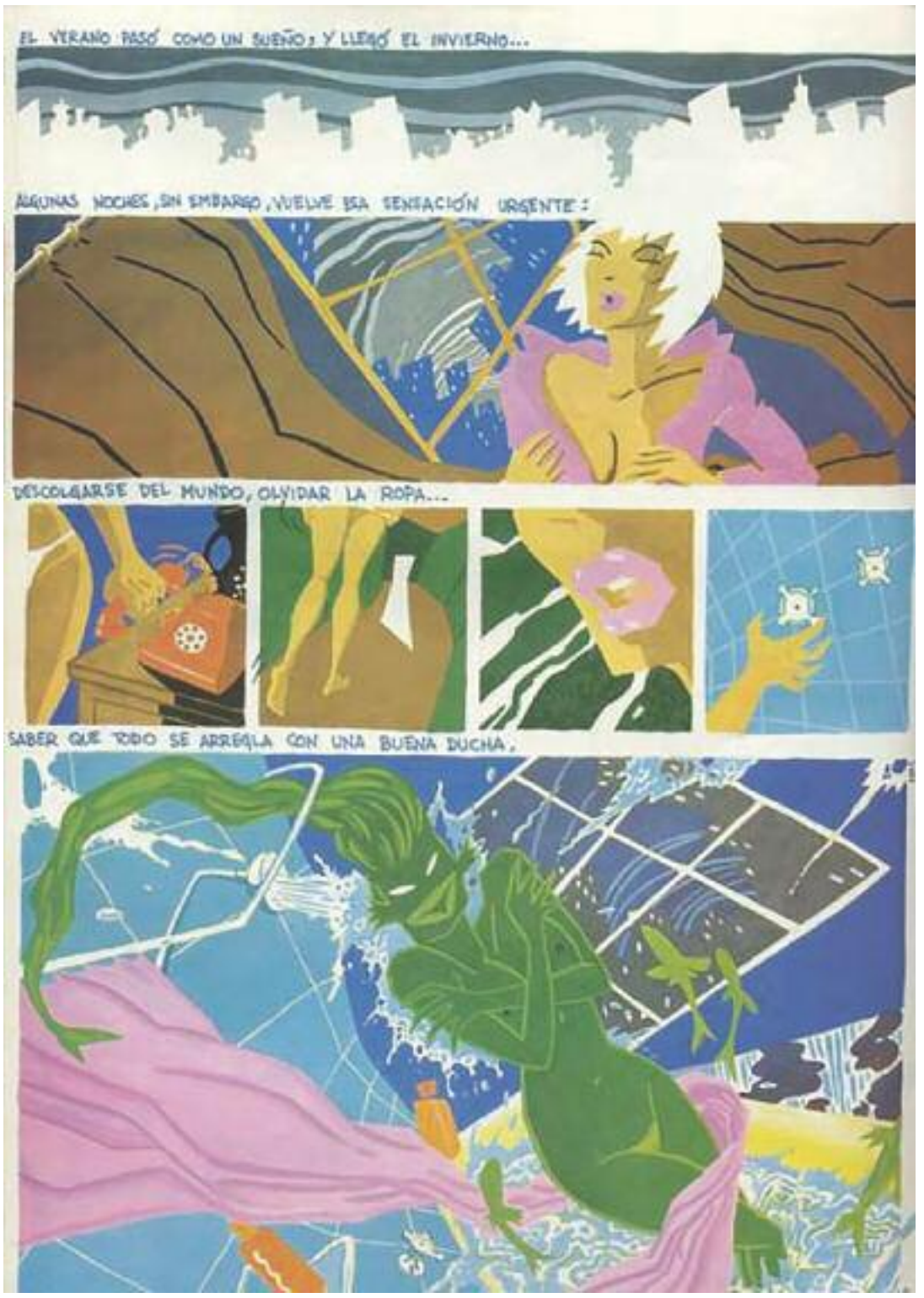
Quanto a conteúdos, *Xofre* nom encaixa por completo nos parâmetros do *underground* nu e cru que apresentarám as publicaçons que a vam seguir, mas marca já distâncias com o trabalho anterior de Reimundo Patiño ou Xaquín Marín, referência da primeira banda desenhada galega moderna. As histórias do volume, ainda que com vontade de crítica social e ecológica, orbitam já mais no fantástico, nom só no que diz respeito a temática mas também, e aí reside grande parte do seu caráter renovador, no que diz respeito a repertório estético.

Embora ter conseguido boa saída mediante as vendas em mao, aquele primeiro número vai ficar em número único, logo da disgregaçom dos membros do coletivo, que continuarám a ser nomes destacados na BD e ilustraçom galega nas décadas que se seguírom.

O monográfico da 'Coordenadas'

Seguindo o rasto daqueles experimentos pioneiros, é em 1982 que damos com um outro fito: a exposiçom sobre banda desenhada e ilustraçom galega no pub compostelano Paraíso Perdido. Esta exposiçom fixo por recolher umha amostra o mais ampla pos-

As influências de 'Valiundiez' chegavam das revistas que começavam a dar saída ao 'underground' americano, que nom chegara no seu momento ao estado espanhol pola censura do regime nacional-católico



sível de todo o que no momento se estava a mover, e junta umha cheia de autores, dos quais muitos nom dariam continuidade ao seu trabalho para além daqueles anos.

Os desenhistas Catamarca e Miguel Vigo, artífices da mostra, serám também os coordenadores de umha ediçom que vinha completar e dar suporte físico ao exposto: um número monográfico da revista universitária *Coordenadas*, intitulado *Comix e ilustración en Galicia*. Esta publicaçom é destacável polo feito de juntar por volta de trinta autores entre os que se incluem 'veteranos' como Xaquín Marín e Reimundo Patiño junto dos mais novos desenhistas com interesse pola banda desenhada numha cuidada ediçom em offset, com umha qualidade a que ninguém na banda desenhada estava afeito.

A heterogeneidade de conteúdos salta aos olhos asinha. Tanto no visual como no temático, o monográfico da *Coordenadas* nom deixa de ser um catálogo do que se fai, sem vocaçom estruturante qualquer. Segundo o limiar da publicaçom, havida conta do conflituoso de definir e limitar o que é e nom é 'cómic', "ninguém se abraie de que umha tradicional *historieta* a anteceda um poema ilustrado e a siga um texto sem desenho ou um desenho sem texto". Igualmente, frente à aposta monolingue da *Xofre*, o monográfico da *Coordenadas* torna visível o precário status da língua autóctone naquela cena contracultural compostelana.

'Valiundiez'

O ano seguinte, 1983, foi o que viu nascer um dos projetos mais sólidos e o claro referente no que diz respeito à banda desenhada nesta década: *Valiundiez*. Os dinamizadores serám Fausto Isorna, Pedro Sardiña e Geno Rey, que figeram contacto justo a raiz da dita exposiçom do Paraíso Perdido.

Fausto Isorna participara em 1979 e 1980 na ediçom de *Diplodocus. Arte Marginal*, um fanzine impulsionado por Manuel Quintans do que saíram três números e que guardava um espaço para os trabalhos gráficos. O texto de apresentaçom desta revista, que se apresentava fotocopiada e grampada, serve bem para balizar os parámetros em que se movia na época um certo sector da juventude com inquedanças, vencidos já os grandes relatos do antifranquismo: "*Diplodocus* pretende chegar a ser um órgao de comunicaçom do mundo marginal compostelano (em princípio). O nosso nom é mais do que outra forma de luita contra o sistema. Gostaríamos de que em esta revista colaborassem os *camelhos*, as putas, os anarquistas, os *passotas*, os artistas pobres, os colgados, os presidiários, os loucos, os alucinados".

As influências de quem se implicou no projeto *Valiundiez* chegavam fundamentalmente através das revistas que no estado espanhol começavam a dar saída ao underground americano, que nom chegara no seu momento por causa da censura do regime nacional-católico, como *STAR* ou *Tótem*. Mas, escreve num artigo Fausto Isorna, "foi o aparecimento do *El Víbora*

'Frente Comixário' é umha publicaçom em galego que integrou conteúdos de escolha reintegracionista com o avance dos números

[em 1979] o que nos fixo dar um chimpo e apostar numha BD que, sem rejeitar os lugares comuns do 'underground' -basicamente sexo, drogas e rock'n roll, a fórmula mágica-, tivera um acabado mais fino para um público mais amplo".

Polo natal de 1983 é editado o primeiro número de *Valiundiez*, em offset e dobrada e grampada a cavalete, com umha tiragem de quinhentos exemplares. A revista chegou a editar quatro números no primeiro ano e entre o natal de 1983 e o de 1985 foram um total de sete os publicados e distribuídos entre Santiago e Vigo. A revista chegou a imprimir mil exemplares no final, e introduziu a quadricromia nas capas e quatro páginas interiores do derradeiro número, para o que também conseguiu publicidade institucional.

Ourense: o Frente Comixário

O encerramento desta década de atualizaçom da BD galega vai passar por Ourense e leva um nome coletivo como protagonista: Frente Comixário.

O nascimento deste vai ligado ao Concurso de Banda Desenhada da Casa da Juventude de Ourense: é em 1988 que se publica o número zero da revista *Frente Comixário*, como compilaçom dos premiados na segunda e terceira (1986 e 1987) ediçons do citado certame. Eram trabalhos, na maior parte dos casos, devedores ainda da estética fanzineira de que vinham muitos dos autores e promotores da publicaçom, mas a evoluçom fai-se patente nos sete números e dous especiais publicados entre 1989 e 1993.

Entre os participantes no fanzine, atopam-se nomes coma César Moreiras, Macaco, Pestinho, Andrés Fortes, Robledo, Eduardo Meliñas, Xavi, Diego Domínguez, Alfredo González, Ermitas ou Henrique Torreiro. E colaboraçons de Fran Bueno, Carlos Portela, Fernando Iglesias, Norberto Fernández ou Tokio.

Frente Comixário é umha publicaçom em galego que vai, ademais, integrar conteúdos de escolha reintegracionista com o avance dos números. Nom por acaso de aquela vai fazer parte, entre outros, o coletivo Pestinho -Xico Paradelo, Xosé M. Moxom e Miguelanxo Carvalho-, que em 1992 assina a *História da Língua em Banda Desenhada*. Aquela, realizada em parceria com o Grupo Reintegracionista Meendinho, tornará um dos grandes sucessos do reintegracionismo nos anos 90, chegando a esgotar umha ediçom de cinco mil exemplares.

O Frente Comixário, arredondando este fim de etapa, vai ser ademais responsável pola posta em andamento das Jornadas de Banda Desenhada de Ourense, que se celebrárom ininterruptamente de 1989 até 2015 na Casa da Juventude. Com cada ediçom desde 1993 -ano também da desapariçom da *Frente Comixário*- virám acompanhadas em papel polo *O Fanzine das Jornadas.* Talvez justo estas jornadas som o primeiro momento de umha certa normalizaçom e institucionalizaçom da BD na década de 90 que, porém, nunca vai chegar a consolidar. A revista, pola sua parte, foi apoiada pola Casa da Juventude e subvencionada pola administraçom autonómica, para logo ser castigada justo por acolher a perspetiva internacional da língua -e com certeza pola tomada de posiçons políticas noutros temas-. Um caso que dá conta clara das limitaçons do apoio institucional como sustento económico de projetos autónomos.

CENTROSOCIAIS

COMPOSTELA/
O PICHEL
Santa Clara
CASA DE SAR
Curros Enríquez
CSOA O ATURUXO DAS MARIAS
Cruzeiro do Gaio
CSOA ESCÁRNIO
Algalia de arriba

VIGO/
A COVA DOS RATOS
Romil
DISTRITO 09
Coia
FAISCA
Calvario
A REVOLTA DO BERBÊS
Rua Real
CSOA A QUINTA DA CARMINHA
Rua do Carme

OURENSE/
CSO A KASA NEGRA
Perdigom
A GALLEIRA
Praça Sam Cosme

PONTE AREIAS/
CSA O FRESCO
Bairro da Ponte

RIBEIRA/
CSA O FERVEDOIRO
Rua Mendes Nunes

LUGO/
CS MADIA LEVA
Serra dos Ancares
CS VAGALUME
Rua das Nóreas

A CORUNHA/
CS A COMUNA
Doutor Ferrant
CS GOMES GAIOSO
Marconi
ATENEO LIBERTÁRIO XOSÉ TARRIO
Gil Vicente

FERROL/
CS ARTÁBRIA
Trav. Batalhons
ATENEO FERROLAN
Magdalena

NAROM/
CS A REVOLTA DE TRASANCOS
Alcalde Quintanilla

ALHARIZ/
CSA CAMBALHOTA
Caminho do Castelo

A GUARDA/
O FUSCALHO
Frente a Atalaia

PONTE D'EUME/
LS DO COLECTIVO TERRA
Boa Vista
CSOA A CASA DA ESTACION
Avda. Ferrol

BURELA/
CS XEBRA
Leandro Curcuny

PONTE VEDRA/
LICEO MUTANTE
Rosalia de Castro
O QUILOMBO
Princesa

CANGAS/
A TIRADOURA
Reboredo

CASTROVERDE/
A CHAVES DAS NOCES
Sam Juliam de Pereiramá

SÁRRIA/
BURIL
Travessia da Rua Nova

O QUE FAZER?

INICIAÇOM AO FUTEBOL GAÉLICO SUB-12. A Liga Gallaecia organiza a sua primeira concentraçom de iniciaçom ao futebol gaélico misto para crianças menores de 12 anos. Podem realizar-se as inscriçons no mail gaelicosub12@gmail.com.
CAMPO DE MARROÇOS, COMPOSTELA.
SÁBADO 1 DE JUNHO ÀS 11H.

XX ENCONTROS DE MÚSICA TRADICIONAL. O mosteiro de Carvoeiro acolhe a vigésima ediçom dos Encontros de Música Tradicional, que organiza a associaçom cultural 'Santa Ferreña'. A partir das 12.30h umha série de atividades arredor da música tradicional animarám o entorno do mosteiro.
MOSTEIRO DE CARBOEIRO, SILHEDA.
SÁBADO 1 DE JUNHO

isto nom é um periódico

nas tuas maos tes umha ferramenta
feita com o trabalho de muitas pessoas que cada mês fam a sua achega à construçom dum meio próprio, que acompanhe a galiza que se move e abra fendas nas estreitas paredes do discurso dos poderes.

mas esse trabalho, do jornalístico à distribuiçom, move-se graças ao motor da nossa comunidade de leitoras. desde a aposta firme na independência informativa, as subscriçons som a garantia de mais e melhor informaçom crítica, mais e melhor novas da galiza.
por isso, está também na tua mao.

fai-no possível
em www.novas.gal/loja

Maria Frá
especialista em
ervas medicinais

"Recuperar autonomia na saúde é possível"

raquel cecilia pérez
raquelceciliaperez@novas.gal

María Fra Bagaria vive em Vilamarim, Ourense. Ali dedica-se ao cultivo e estudo de plantas e ervas e emite, de há pouco, vídeos no seu canal de YouTube: María Fra Devagar. Recentemente publicou 'Remédios da nossa horta medicinal' com a editora Baía.

Levas anos a trabalhar na medicina tradicional. Como nasce esse interesse?

Comecei interessando-me em reconhecer e nomear as plantas que me rodeavam e observei que as que tinham nomes populares eram, na maior parte, medicinais. Cada história, cada receita, cada nome para umha planta chegavam e chegam a mim como um tesourinho. Quando necessitei, botei mao de aqueles conhecimentos para encontrar a medicina ajeitada para mim ou para pessoas achegadas, e fiquei muito surpreendida da sua potencialidade. É um caminho em que vou devagar, de aí o nome do projeto.

Lecionas obradoiros, como podem enriquecer estes conhecimentos às pessoas?

A nossa civilizaçom nom suporta a vida selvagem. Nas cidades tenta-se cobrir de asfalto a superfície e os parques som lugares ordenados onde se proscrevem as plantas espontâneas. Na agricultura moderna impera o mesmo critério de 'limpeza'. O mesmo silenciamento impom-se aos nossos corpos animais. O único achegamento à natureza tolerado é aquele onde exercemos de consumidores de paisagens, ar puro ou medicina alternativa. Num dos primeiros cursos que figem, umha mulher insistiu-me que tinha encontrado um maravilhoso jardim medicinal. Fum lá ver e era umha cuneta. Depois algumhas pessoas também aprendem a encontrar plantas que lhe som medicina e a elaborá-las com sucesso.

Recentemente publicaste 'Remédios da nossa horta medicinal', achavas em falta um manual específico das plantas galegas?

Escrevim o livro que eu desejaria ter quando comecei a interessar-me por este tema. No manual recolhem-se plantas cultivadas tradicionalmente na horta medicinal, plantas que nascem espontaneamente nos nossos cultivos, e ainda outras ervas silvestres que pode interessar ter a mao pola sua importância como 'remédios'. Incluem-se conselhos sobre o cultivo, recoleçom, virtudes medicinais e receitas tiradas da nossa tradiçom medicinal, assim como outras com as quais tenho boa experiência. Acho que a escolha da horta como marco de referência facilita a identificaçom das plantas silvestres propostas; todas bem comuns. Tentei em todo momento transmitir que, com todas as precauçons necessárias, recuperar certa autonomia no campo da saúde é possível. Temos umha base sólida sobre a qual construir, a partir da experiência secular com ervas medicinais. A inspiraçom foi que nom fosse um simples manual mais de ervas medicinais, senom um material útil para a auto-gestom da saúde na Galiza utilizando ervas medicinais.

Há pouco tiveste a estreia como 'youtubeira'. Qual é o objetivo do canal?

O canal de *Youtube* foi umha arroutada. Nom o figem com um propósito bem definido, simplesmente acho divertido, ainda que evolui devagar porque me supom muito tempo. Se calhar pode servir para provocar algum interesse polo meu trabalho em pessoas que se movem na rede e, para as pessoas que já o tenhem, aguardo gerar conteúdos de qualidade. Valoro também poder contribuir a normalizar a nossa língua neste formato, e a que outras se animem a criar em galego canais formativos, porque som mui escassos.

Contra todo, regueifa feminista

Sara Marchena

Quando falamos de regueifa 2.0, regueifa feminista, regueifa pola igualdade... estamos a tentar tratar muitas cousas, mas sobretodo estamos a tentar falar dum canto improvisado com consciência: de género, de classe e identitária. Fazemos regueifa feminista porque sabemos que *a tradiçom é a eternidade* e hoje só concebemos umha forma de permanecer e de nos manter como povo.

Coincidindo com o começo do século, outra vez, assistimos a um momento histórico em que o fascismo mais rançoso e reacionário está a dar boa prova de seguir mui vivo. Os centros de ensino reproduzem em pequena escala o que acontece no mundo exterior e portanto nom se mantenhem alheios a esta *regurgitaçom*: do mesmo jeito que hoje é mais fácil que há uns meses ouvir um homem de mediana idade berrar pola volta de Franco na praça do Obradoiro, é mais fácil que um rapaz de catorze anos saúde braço em alto e berrando "Viva Espanha" quando entrares numha sala de aulas. E dói muito. Dói tanto que a impassividade deixa de ser umha opçom e toca, sim ou sim, entrar a tratar as ideias que a hegemonia lhes vende como aceitáveis como o que som, fascismo.

Nós, regueifeiras e feministas ou regueifeiras feministas, se for possível separar os termos, decidimos combater o fascismo nas aulas com a improvisaçom, as rimas e as coplas populares, mas sobretodo luitamos através da liberdade de criar discurso próprio e debate partilhado.

Se tiver que guardar um momento de triunfo, fico com o final dum obradoiro, há pouco, em que depois de muitas coplas e de falar muito umha rapariga saía pola porta do Museu do Povo Galego dizendo a um companheiro "Estás a ver? Isto é o que che queria explicar e nom podia. Agora já sei como".

Nom nos detemos, temos claro o que perseguimos e cara a onde nom vamos voltar. Enquanto pudermos fazer regueifa feminista, por nós, nom vam voltar passar.